



# **Seguir Jesus na sua humanidade**

Conferência

**Luciano Manicardi**

Tradução: **Fernando Silva Nunes**

Caderno 34

Lisboa

21 e 22 de Outubro de 2017

## A humanidade de Jesus

«É na pessoa e no acontecimento “Jesus” que Deus se revelou aos homens como um Deus para nós, como Deus que é Amor, e a quem podemos chamar Pai. Deus revelou-se na carne de Jesus: eis porque a relação com este homem pertence à própria identidade de Deus – esta é a singularidade do cristianismo. Aquilo que Jesus tem de excepcional não é de ordem religiosa, mas humana» (Josef Moingt). O teólogo Josef Moingt não afirma aqui que a relação com Jesus é constitutiva da identidade do cristão, coisa por demais evidente e até banal, mas que é constitutiva do ser de Deus. No cristianismo, sem Jesus, Deus não é conhecido, não se entra em relação com Deus. O 4º Evangelho di-lo claramente: «Ninguém vem ao Pai se não por Mim» (Jo 14, 6). E quando diz no prólogo que Jesus fez a exegese de Deus (Jo 1, 18: *exeghésato*) a narração e a explicação de Deus, indica também a via para entrar em relação com Ele. O verbo *eghéomai*, de facto, significa *conduzir*. Se Jesus Ressuscitado é definido na Carta aos Colossenses como «Imagem do Deus invisível» (Col 1,15), isto acontece porque o Jesus homem cumpriu plenamente a missão de responder ao dom do humano que é o lugar da imagem e semelhança com Deus. Precisamente, o lugar onde a dialética da imagem e semelhança é a dialética do dom e da responsabilidade. E não devemos ter medo de nos determos sobre o Jesus indivíduo, sobre a singularidade da sua pessoa, portanto sobre as limitações da sua pessoa, nas particularidades da sua individualidade pessoal. Todos nós homens o experimentamos na fracção. E a Carta aos Efésios tem a coragem de afirmar que é na particularidade do Jesus Homem, não tanto no Kyrios ou no Christòs, mas antes de tudo, é no Jeshua de Nazaré que reside a revelação divina: «A verdade», isto é, em linguagem bíblica a revelação «está em Jesus» (Ef 4, 21). Eis então, a perspectiva com a qual abordamos a figura de Jesus neste curso: «Jesus ensina-nos a viver neste mundo» (Tim 2, 12).

Abordamos a vida de Jesus como texto narrativo. Isto é, não só através de textos narrativos, os Evangelhos, mas também como evangelho vivo, como evangelho feito pessoa e portanto como sequência que tem uma unidade. Jesus é o Evangelho e o Evangelho é Jesus. A humanidade de Jesus, a sua praxis de humanidade é a sua Escritura. Jesus não escreveu nada materialmente, mas o Seu modo de falar e amar, sentir e optar, actuar e comer, rezar e encontrar-se com as pessoas, é o modo pelo qual Jesus escreve, dia após dia, o livro da Sua vida, um livro que é o Seu corpo, a Sua pessoa. A Sua corporalidade, portanto, a Sua pessoa, é o livro que narra Deus. Psique e corpo, palavras e gestos, emoções e argumentações racionais são a modalidade inspirada suscitada pelo Espírito Santo, no seu dizer quem é Deus. Deter-nos-emos alguns momentos sobre a humanidade de Jesus, particularmente a ligada às emoções e aos sentimentos; em suma, faremos uma incursão na vida íntima de Jesus, no Seu coração, do qual nascem as palavras e os sentimentos.

Como proceder? Muito concretamente, podemos ver como a praxis de humanidade vivida por Jesus e atestada nos Evangelhos pode instruir e dar forma à nossa maneira de viver. O meu conselho é que vos coloquais algumas questões ao ler os Evangelhos. Perante qualquer episódio evangélico perguntai-vos: qual é a humanidade do homem Jesus? Que humanidade exprime Jesus no Seu falar, no Seu agir, nos modos de encontro com outras pessoas? Que humanidade habita n'Aquele que entra no Templo e ousa expulsar os vendedores de animais para sacrifícios e derrubar as mesas dos cambistas? Que praxis de humanidade exerce o homem que censura os Seus discípulos que afastam as crianças e que acolhe estas últimas com ternura abraçando-as? Que humanidade manifesta o homem que acolhe publicanos e pecadores, come com eles, se deixa aproximar, escandalosamente, por uma prostituta durante um banquete em casa de um fariseu e consegue ver o amor onde todos os comensais veem o pecado (cf. Lc 7, 36-50)? Que homem é este que pronuncia palavras poderosas como as bem-aventuranças? As bem-aventuranças (Mt 5, 1-12) são um rasgo na vida interior de Jesus. Que praxis de humanidade vive Aquele que não hesita em entrar em conflito com as autoridades religiosas quando se trata de defender o primado da vontade de Deus

e a vontade dos pobres? Que homem é este que não hesita em dirigir palavras duras e de reprovação aos próprios discípulos, percebendo a sua fraca consciência, a sua incapacidade de ouvir e compreender? Que homem é este que sabe observar os movimentos das nuvens no céu para compreender o tempo que fará no dia seguinte, e que sabe observar a natureza e dela extrai lições e consolação? Que humanidade habita o homem que encontra tantos doentes de corpo e mente e que mostra capacidade de compaixão por eles e os trata com dispêndio de tempo e energias? Que humanidade habita Aquele que não hesita em criticar ferozmente práticas e tradições religiosas e usos sagrados como o *qorban* (Mc 7)? Que homem é este que sabe ler e interpretar com extrema liberdade a Torah acerca do adultério e da lapidação da adúltera? Que ousa contradizer escribas e fariseus, doutores da Lei, homens com autoridade no plano religioso com palavras de fogo? Que homem é que mostra uma liberdade tão profunda e tão distante dos medos, das adulações, dos temores reverenciais, de muitos dos eclesiásticos de hoje e também do corporativismo de muitos religiosos e religiosas? Poderíamos alongar-nos ainda bastante. O Evangelho surge como escola de humanidade e pede-nos para nos introduzirmos na escola de Jesus. E a sensação é que, tanto na vida dos cristãos isolados, como na totalidade da Igreja estamos ainda muito distantes da compreensão da conversão radical que exige esta tomada a sério da prática da humanidade de Jesus como é verificada nos Evangelhos. A Palavra de Deus atinge-nos para plasmar a nossa humanidade à imagem da humanidade de Deus que é Jesus de Nazaré. E a Palavra de Deus, atingindo-nos, só poderá ter um impacto transformador na nossa humanidade.

## **O falar de Jesus**

### ***A palavra, sinal do homem***

O Homem, escreve Aristóteles, é o ser vivo que tem palavras (*zoon logon echon*), é o ser que fala. O homem é o único animal falante. A palavra é a realidade humana e pessoal como nos indica a expressão: Se bem que os animais comuniquem só o homem fala. A *palavra* é um sinal inconfundível do humano. É

demasiado redutor dizer que a palavra é instrumento de comunicação. A palavra não é simplesmente uma técnica nem um simples envólucro, é a faculdade que o homem tem, enquanto pessoa, de ter um ponto de vista próprio que depois discute com os outros e consigo mesmo. A palavra é o conjunto daquilo que temos para dizer ao mundo e do mundo, a nós mesmos e de nós mesmos e está acima de todos os instrumentos linguísticos que concretamente usamos para falar. Dizer, de facto, é sempre, também, dizer-se a si próprio. Falar é sempre, também, entregar-se ao outro. A palavra afirmada é a palavra na qual se faz presente a própria pessoa, aquela que tal palavra pronuncia. Neste sentido a palavra é *reveladora*, antes ainda de ser *comunicativa*. Assim podemos dizer que *a palavra é a primeira e a comunicação é a segunda*. A palavra, enquanto palavra verdadeiramente humana, torna presente a pessoa, revela-a. A palavra é fim, a comunicação é meio, não o contrário. Também os animais comunicam, mas só o homem fala. A palavra, defende o filósofo Georges Gusdorf, é aquilo que faz de nós seres humanos. Para o homem, vir ao mundo, é aceder à palavra, tomar a palavra. Com ela o homem estabelece relação com o real. Entre si e o mundo o homem interpõe a rede das palavras e, assim, nomeia o mundo, conhece-o, constrói-o. Lacan criou o neologismo *parlêtre*, *palavresser*, para caracterizar o ser humano. A palavra é o lugar da nossa humanidade singular, agarrada à nossa carne, à nossa condição social, à nossa sexualidade, à nossa história e biografia. A palavra exprime a nossa consciência e dá-nos consciência. A palavra é a experiência humana como abertura: aquilo que falta ao comportamento animal é, precisamente, esta brecha que abre uma infinidade de perspectivas possíveis sobre o Ser, é uma espécie de transcendência na imanência. Não é por acaso que em muitas culturas e mitologias a palavra tem uma origem sacra. «No princípio era o verbo» (Jo 1,1). Na tradição bíblica a palavra faz parte da imagem de Deus que o homem deve realizar.

A palavra é o precioso instrumento que nos liga a nós mesmos (nunca paramos de falar a nós próprios) e aos outros: ela está no centro de todas as relações sociais e políticas. Escreve Montaigne: «Nós somos homens ligados uns aos outros apenas por meio da palavra» (Saggi – Ensaaios na versão italiana - I,IX, p. 57). Tomar consciência do estatuto da palavra e da responsabilidade que ela

requer, entra pelo caminho da humanização, que é a tarefa de cada homem. Tarefa que inclui, também, a luta para sair da vulgaridade e da superficialidade, da banalidade e da manipulação da palavra. De facto, só um uso apropriado da palavra torna o mundo inteligível e possíveis as relações humanas.

Aristóteles, numa célebre passagem da *Política* fala do homem como *zoon politikon* e como *zoon logon echon*: palavra e política estão interligadas. «O homem é um animal político, mais sociável do que as abelhas ou outro animal gregário. De facto, cremos nós, a natureza não opera nada em vão e o homem é o único animal que possui a palavra: a voz é um simples sinal de prazer ou de dor. Pelo contrário, serve para nos apontar aquilo que nos é benéfico e o que nos é maléfico e, por isso, também, o que é justo e injusto, o bem e o mal, e isto é característica do homem relativamente aos outros animais» (*Política* I,2). O facto de a palavra servir para designar o justo e o injusto, o bem e o mal (como diz Aristóteles) ou para manifestar a unidade da pessoa humana (como defende Hanna Arendt), tem um papel fundamental na edificação da *polis*: «É a linguagem que faz do homem um ser político» (Hanna Arendt).

Portanto, a palavra é o centro do processo de subjectivização, de individualização, da capacidade de dizer «eu», mas é, também, o centro do processo de socialização, da capacidade humana de exprimir o «nós». O trabalho político-educativo de Sócrates, análogo ao de um incómodo moscardo, a missão ético-religiosa dos profetas bíblicos, que suscitava a hostilidade no seio do próprio povo de Israel, a *parresía* (franqueza, liberdade, audácia) de Jesus de Nazaré perante as autoridades religiosas e políticas, traduzem bem o alto valor da palavra verdadeira. Dizem-nos que, perante pessoas que matam as palavras, podem existir homens que se deixam matar para defender as palavras, que podem existir *mártires da palavra*. E tanto Sócrates como Jesus não deixaram nada escrito, mas a Sua palavra mostrou um poder e uma força extraordinárias. Os teóricos da comunicação distinguem três funções fundamentais presentes em todos os actos de comunicação: uma função *expressiva*, que diz respeito ao sujeito emissor da comunicação (do que quer que falemos, fazemo-lo sempre a partir de nós próprios e, de certo modo, somos nós próprios a dizê-lo); uma função *representativa*, que

tem a ver com o conteúdo da própria comunicação; e, enfim, uma função *apelativa*, que diz respeito ao destinatário do acto comunicativo. Ali se encontra a dimensão ética de todos os nossos actos de palavra. A ética da palavra implica três níveis: *respeito pelo outro (a quem se fala)*, *respeito pela palavra (que é pronunciada)*, *respeito por si próprio (isto é, pelo falante: dizer é sempre dizer de si)*.

### **«Nunca nenhum homem falou assim» (Jo 7,46)**

Jesus de Nazaré, que o Novo Testamento nos apresenta como palavra feita carne, ensina-nos a falar. Gostaria de me deter, precisamente, neste ponto. Não sobre a dimensão reveladora de Jesus como palavra de Deus, mas sobre a dimensão pragmática do Jesus que fala e nos ensina a falar com a sua prática da palavra. Ou seja, sobre aquela dimensão que encontramos expressa em Jo 7,46, em que os guardas enviados para prender Jesus não o fizeram e, quando os seus mandantes lhes perguntaram: «Porque não o trouxeram aqui?», eles responderam: «Nunca um homem falou assim». Perguntemo-nos: como fala Jesus?

### **Como fala Jesus**

*Jesus fala a partir de uma interioridade habitada.* Isto é evidente, por exemplo, num dos registos mais frequentes do falar de Jesus: o ensinamento. Jesus, antes de mais, *ensina*. Fala em público, diante de grandes multidões. As bem-aventuranças são, certamente, o ensinamento mais denso e significativo de Jesus. Aproximaram-se de Jesus os seus discípulos e Ele ensinava-os, dizendo: «Felizes os pobres em espírito...» (Mt 5, 1-2). Jesus ensina. As bem-aventuranças são um ensinamento da boca de Jesus. O ensinamento é transmissão de vida e nasce de uma experiência, de uma vivência. Jesus comunica aos discípulos aquilo que viveu, significando «viveu» não apenas o acontecido, mas sim elaborado e revivido interiormente, pensado e colocado perante Deus. O vivido não é verdadeiramente vivido se não é revivido no

coração, na mente, no ânimo. Não basta chorar ou ser perseguido para se ser bem-aventurado. Para dizer que são bem-aventurados os pobres ou os perseguidos, e para se acrescentar a motivação, «o porque», é preciso ter vivido não só exteriormente, mas, também, interiormente. O homem não vive de factos, mas de história, não vive de crónicas, mas de narrativa. Dizer «bem-aventurados» e acrescentar «porque» implica um trabalho interior e espiritual que proporcionou uma competência, um saber e uma sabedoria. Forjou um homem livre, que sabe fazer algo de positivo, mesmo em situações de pranto, dor, cansaço. Por trás das palavras das bem-aventuranças está a experiência de quem perseverou em ser misericordioso, mesmo quando a misericórdia parecia estéril, improdutiva, perdedora e o perdão se revelava um amor desperdiçado. Existem as experiências daqueles que percebem estas realidades como bastando-se a si próprias, com um valor intrínseco, independentemente daquilo que transformam nos outros e na realidade. Pureza de coração e pobreza de espírito, mansidão e misericórdia são fontes de bem-aventurança porque se bastam a si próprias e porque transformam aqueles que as vivem e neles permanece. Sim, as palavras das bem-aventuranças só podem ser ditas por quem conhece este trabalho profundo e o praticou.

*Jesus fala a partir de convicções profundas e radicais.* Isto é bem patente nos escritos, que mostram um ensinamento com autoridade (Mc 1,22), não como os escribas; co *exousía*, revela uma potência interior, uma fonte interior, não uma deriva livresca ou escolástica. Frequentemente, os Evangelhos, sobretudo o de Marcos, não especificam, sequer, o conteúdo do ensinamento ou seja, usam o verbo *didaskhein* de modo absoluto. O Seu ensino está ligado ao Seu corpo, à sua pessoa. Jesus ensina com palavras mas, também com a Sua pessoa: as palavras com que ensina têm autoridade precisamente porque não estão desligadas da Sua interioridade, mas emanam dela, estão em conexão com a Sua corporalidade.

*Jesus sente aquilo que diz, não fala à toa, não atira palavras ao vento. As suas palavras radicam na sua emotividade profunda.* Este sentir é o contacto com as suas emoções e é, também, empatia em relação aos que se lhe apresentam.



Perante o leproso que se lhe coloca à frente e lhe diz: «Se quiseres, podes curar-me», Jesus deixa que aquelas palavras ajam n'Ele com a ressonância da compaixão; e, então, retoma as palavras do leproso, toca-o e diz-lhe: «Eu quero, fica curado». Aqui, Jesus fala com os sentidos: ouvir, ver e tocar. Do mesmo modo, o tocar estará presente e será decisivo no encontro com a mulher hemorroíssa. É o Seu corpo que escuta quando sente que é tocado por uma mulher comprimida pela multidão, é o Seu corpo que fala quando toca o leproso e depois toma as palavras dele e as faz Suas. A palavra feita carne torna-se o corpo que fala. Se a palavra é terapêutica e, certamente, Jesus faz da palavra uma realidade capaz de curar; «Jesus expulsava os espíritos impuros com a palavra» (Mt 8, 16), no curar de Jesus entram em jogo os sentidos. Os sentidos falam e curam, as suas palavras actos sensoriais que curam.

*Ou seja, a palavra de Jesus transmite vida, é geradora, o Seu falar suscita e dá vida.* Nós vivemos na escuta e da escuta dos outros, no olhar e do olhar dos outros, no tocar dos outros (a carícia, o abraço, o aperto de mão) e de tocar os outros, no saborear dos outros e no saborear o outro, no olfacto dos outros e nos odores do outro. A experiência erótica di-lo melhor. Mas o amor vive sempre desta eloquência sensorial que é um jogo em cada encontro. Os odores desagradáveis de uma pessoa são um dos factores mais importantes e consistentes no nascer de uma antipatia. Nós falamos com os sentidos: deveríamos ter mais consciência disso.

Jesus ensina mas, sobretudo, *narra. Ele fala de maneira simples, não cerebral, intelectual, é comunicativo* e, diga-se, teve sucesso. São muitos os trechos evangélicos que nos dizem que Jesus era procurado por multidões de pessoas simples que ficavam em suspenso com as suas palavras. Jesus sabe falar aos simples. «De manhã, bem cedo, todo o povo buscava Jesus no Templo para o escutar» (Lc 21, 38); «Todo o povo ficava suspenso dos seus lábios ao escutá-Lo» (Lc 19, 48).

*Ele é um contador de parábolas. A sua linguagem é simbólica, liga o céu e a terra, Deus e os homens. Não é uma linguagem assertiva, mas aberta, é a linguagem democrática da narração.* Usa uma linguagem simples que, no

entanto, dá que pensar; uma linguagem extraída do cotidiano e que, portanto, representa um ponto em comum com que aqueles que o escutam se possam rever. Ele narra Deus contando histórias humanas, histórias de camponeses, de pastores e de pescadores, de donas de casa que amassam o pão, histórias de amigos que vão, a meio da noite, acordar um amigo para pedir um pão, juizes malvados e viúvas insistentes e incômodas, histórias de reis e banquetes nupciais, de esposos que estão para chegar e de virgens que os esperam, de homens que viajam para um país longínquo. Por vezes parecem fábulas, as histórias que Jesus conta. E, fique claro, esta afirmação não apouca. As fábulas são verdadeiras, são uma explicação da vida, têm um conteúdo de humanidade e de verdade humana extraordinárias. Muitos elementos das parábolas, como a simplicidade ou a indeterminação (Era uma vez um homem que tinha dois filhos...), a tipificação (o filho que saiu de casa e viveu uma vida dissoluta, que remete para os pecadores e os publicanos; o filho que ficou em casa e que remete para os cumpridores, para os fariseus), a universalidade, através da qual se abordam temas que respeitam a todos os tempos e lugares (a relação de um pai com os filhos), são tudo elementos que lembram as fábulas. Claro, as palavras têm valor de revelação, narram Deus. O seu valor é teológico. Uma parábola, ainda que fale de um camponês que semeia, não pretende ensinar o ofício de agricultor. As parábolas são micro-contos, imagens desenvolvidas em breves ou brevíssimas tramas que falam de Deus sem mencioná-lo e contando histórias da mais simples quotidianidade e das quais são protagonistas personagens comuns. No seio deste mundo vulgar, que é, também, o mundo do leitor, a parábola abre uma janela que permite que o leitor olhe o mundo de uma maneira radicalmente nova. As parábolas são «contos da normalidade» que têm o poder de reorientar a vida do homem através da desorientação. O modo enganador do comportamento de um protagonista das parábolas produz um efeito de surpresa no leitor, que pode conduzi-lo a repensar e a decidir pela renovação da sua existência. O paradoxo habita a lógica das parábolas: aquilo que, humanamente, é pequeno ou, até, insignificante, torna-se enorme na lógica do Reino (Mt 13, 31-32). A parábola desconcerta: o dono de uma vinha que,

depois de ter contratado homens em diferentes horas do dia para que trabalhem na sua vinha e ter prometido dar-lhes o justo salário, dá a quem trabalhou uma só hora a mesma paga que recebem os que trabalham todo o dia. O leitor fica estupefacto e escandalizado porque esperaria uma justiça que premiasse o mérito de cada um e uma retribuição adequada à quantidade de trabalho realizada (cf. Mt 20, 1-16). Com esta finta a parábola faz-nos entrever o agir escandaloso de Deus e a possibilidade de um mundo não mais dominado pelas regras rígidas da correspondência entre trabalho e retribuição, mas sob o signo da gratuidade e do amor. O proprietário que, depois de ter convidado tantos para colher os frutos da sua vinha e só ter recebido recusas e ter visto serem atacados e mortos os seus criados, decide enviar o seu próprio filho, irrita e escandaliza o leitor, mas Jesus está a narrar o amor louco de Deus pela humanidade com a linguagem metafórica da parábola (Mt 21, 33-46). Esta linguagem, que provoca um verdadeiro choque no leitor, é, na realidade, a linguagem do Reino de Deus: também o Reino, como a parábola, é velado e paradoxal, misterioso e sinuoso, dinamizador e responsabilizador. Aliás, se Jesus narrava Deus em parábolas, para a comunidade cristã primitiva, Jesus era não só a Palavra, mas, também, a Parábola de Deus.

A linguagem de Jesus é simples e directa, compreensível: sem vocabulário especial ou termos só compreensíveis por iniciados e, sobretudo, sem nenhum fenómeno parecido com aquele de um certo falar político que, em francês, se designa por *langue de bois*. Esta era uma expressão que, na sua origem, designava a fala da ditadura comunista soviética, constituída por «um conjunto de procedimentos que, recorrendo a vários artifícios, visam confundir o pensamento das pessoas, para melhor o influenciarem e controlarem». Edgar Morin (em 1961) falou de *langue de bois* a propósito do Partido Comunista Chinês, dizendo: «a *langue de bois* usada pelo partido traduz, como em todas as linguagens rituais, a recusa ou a incapacidade de formular a realidade dos factos».

O carácter maiêutico, gerador, transmissor de vida, pedagógico e humanizante do conto, vemo-lo quando Jesus recorre à arte do conto para levar

uma pessoa, por vezes um adversário, a tomar consciência, com doçura, do seu erro, arrepende-se e emenda-se. As histórias falam por si. Jesus mostra, aqui, a sua sabedoria. Contando a história do bom samaritano, Jesus conduz o doutor da lei a sair da sua posição desconfiada e da sua desresponsabilização pelos problemas do próximo (Lc 10, 25-37); com a história do homem que tinha dois devedores, leva o fariseu Simão a dar-se conta da sua situação e da situação da mulher pecadora (Lc 7,36-50). O conto é, para Jesus, o modo suave de conduzir os homens à verdade. É um meio de correcção.

Frequentemente, Jesus responde ou reage áquilo que lhe é dito com contra- perguntas ou desviando o discurso. *Jesus mostra não estar dependente da vontade alheia, mas ter uma convicção forte e uma consistência interior sólida.* Ao homem rico que lhe pergunta: «O que devo fazer para ter a vida eterna?», não responde, mas subverte tudo com uma contra- pergunta «Porque me chamas bom?», propondo um caminho na direcção da interioridade. A quem o interroga sobre a sua autoridade, Jesus contra- pergunta: Mt 21,23ss. A arte da contra- pergunta é muito usada por Jesus. Perguntar é um acto de amor. Perguntando, Jesus fica em condições de estabelecer uma relação profunda com o outro, dando-lhe a palavra e suscitando a responsabilidade pela sua palavra, fazendo-o ir ao fundo da sua palavra ou seja, da sua humanidade. Ao homem rico, a pergunta de Jesus abre a possibilidade de um golpe sobre si próprio, de descer profundamente às razões da sua procura, de trazer claridade e verdade para si próprio. Neste caso, Jesus não responde dando certezas ou fazendo afirmações peremptórias ou encerrando o discurso, mas abrindo-o, porque o conteúdo de cada palavra que dirige ao outro é a humanidade do outro. Compreendemos que o falar de Jesus, tão profundo com o homem rico, se exprime, também, com a linguagem do olhar que demonstra o amor: «Fixando-o, amou-o». *A palavra de Jesus é sempre palavra que discerne, que leva ao discernimento por parte daquele que tem diante de si.*

*Jesus obedece à palavra e, entre os tons da palavra, figuram o desafio, a controvérsia, a palavra gritada, escandalizada, a palavra que se indigna. Estar ao serviço da palavra de Deus significa, para Jesus, usar o tom de palavra forte e*

*duro baseado no discernimento. A palavra torna-se missão. Jesus não se fica pelo seu carácter suave e condescendente. Jesus sabe que a palavra também é honrada com o grito, com o desafio.* No seu falar está sempre a obediência a Deus. Isto torna a sua palavra incómoda e, muitas vezes, incompreensível: «Porque não compreendeis as minhas palavras?», pergunta Jesus aos seus adversários em Jo 8,43. O Deus de cuja palavra é servidor é, também, Deus de cólera, que se indigna. Com os mentirosos e os hipócritas Jesus não evita a polémica e o confronto, sabe usar palavras duras: Mt 22,18; Mt 22,29. Seguramente, Jesus não se deixa espezinhar, nem, sequer, do ponto de vista dialéctico. Jesus usa palavras proféticas e, também, desafiadoras (Mt 23).

Jesus, por vezes, usa palavras duras com os seus discípulos, quase ofendendo-os, apontando-lhes as suas tontarias (Mc 8, 17-18). *A relação de proximidade com eles permite esta audácia e Jesus sabe que, por vezes, só um ralhete pode acordar as pessoas que, de outro modo, se contentam e adormecem.*

*A linguagem de Jesus é sábia.* Não se limita à informação. nem aos altos conhecimentos, atingindo o nível da sabedoria. Isto é, o falar de Jesus é escuta da vida e transmissão de vida. Este modo de falar exige autoconfiança, capacidade de observação e de escuta, uma capacidade sensorial profunda. Por vezes, a Sua linguagem é como a de um sábio, de um homem capaz de observar a vida quotidiana e de daí extrair ensinamentos. Jesus emprega uma linguagem popular, cheia de aforismos e provérbios:

se o sal perder o sabor, o que será capaz de lho devolver? Mt 5,13

não se acende a candeia para a pôr debaixo do alqueire Mt 5,14

onde estiver o teu tesouro, aí estará, também, o teu coração Mt 6,21

quem pede recebe, quem procura encontra e a quem bate à porta esta se abrirá Mt 7,8

ninguém pode servir a dois senhores, não podeis servir a Deus e ao dinheiro Mt 6,24

A palavra de Jesus mostra-nos o que é a *experiência*. A palavra experiência provem de *ex-per-ire*: subentende um vir de e um passar através de.

A experiência é aquilo que eu atravesso (e que me atravessa). É o saber que nos chega com a viagem, com a realização da travessia. De ter, especialmente, atravessado a vida. As suas palavras sábias tornam a vida eloquente, dão expressão ao quotidiano e mostram, revelam um tesouro de aprendizagem que está diante dos nossos olhos, basta querermos abrir os olhos e ver, abrir os ouvidos e ouvir:

«Por isso vos digo: não vos preocupais pela vossa vida, com o que comer e com o que beber, nem com o vosso corpo, nem com aquilo que haveis de vestir; não vale a vida mais do que a comida e o corpo mais do que o vestido? Olhai as aves do céu, não semeiam nem ceifam, nem enchem os celeiros, e no entanto o vosso Pai celeste alimenta-as. Não valeis vós mais do que elas? E quem de vós, por mais que se preocupe, pode prolongar, ainda que pouco, a própria vida? E pelas vestes, porque vos preocupais? Observai como crescem os lírios do campo: não se cansam e não fiam. E no entanto eu digo-vos que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestia como um deles. Ora, se Deus veste assim as ervas do campo, que hoje existem e amanhã se deitam ao fogo, não fará muito mais por vós, gente de pouca fé? Não vos preocupeis, portanto, dizendo: “O que havemos de comer? O que havemos de beber? O que havemos de vestir?”. Destas coisas ocupam-se os pagãos. O vosso Pai celeste, de facto, sabe de tudo o que precisais. Pelo contrário, buscai antes de mais o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão dadas por acréscimo. Não vos preocupeis, portanto, com o amanhã, porque o amanhã se ocupará de si mesmo. A cada dia o seu trabalho» (Mt 6, 25-34).

A palavra de Jesus torna-se poética. E mostra, como palavra poética, criativa, que tem força para sustentar todo o peso do ser.

### **A relação de Jesus com os animais e as plantas**

O mundo de Jesus estava povoado de animais e eles estão presentes, também, no Evangelho, tanto nas palavras de Jesus como nos acontecimentos. Jesus sobe para um burro para entrar em Jerusalém expressando, assim, a sua

realidade humilde e pobre (Mt 21): o burro, o animal mais desprezado e mais utilizado pelo homem, e que se distingue pela sua mansidão, por ser um trabalhador incansável, sóbrio, visto que custa pouco a sua manutenção, capaz de percorrer os mais inóspitos caminhos e terras.

Sobretudo, Jesus observa com interesse os animais e as plantas e fá-los entrar no seu discurso. A sua relação com os discípulos é descrita com a imagem da videira e dos seus ramos. «Eu sou a videira e vós os ramos» (Jo 15,5), isto é, somos nutridos por uma única seiva, vivemos uma única vida, a vida que nos vem do amor do Pai, que é o agricultor, o camponês. «O meu Pai é o agricultor» (Jo 15,1), que aduba, cava, lavra, rega, limpa o terreno das pedras para que a planta possa crescer e frutificar melhor. Jesus observou o minúsculo grão de mostarda mas soube extrair um ensinamento de que, uma vez semeado e crescido, se torna uma árvore tão grande que permite aos pássaros fazerem ninho entre os seus ramos (Mt 13,31-32). Aqui, o olhar contemplativo e transfigurador de Jesus divisa a árvore como lar, quase como um ser animado que dá hospitalidade aos pássaros. Jesus comoveu-se com a imagem de piedade dos cães que se mostram misericordiosos e mestres de humanidade na desgraça de Lázaro, lambendo-lhe as feridas, quase procurando aliviar as suas dores, enquanto o rico que passava os dias banqueteadando-se, ficava totalmente indiferente (Lc 16,21). O cão, lambendo as chagas do homem, mostra-lhe o seu afecto. Jesus diz que o Pai alimenta os corvos, os quais «não semeiam, não colhem e não têm celeiro» (Lc 12,24), que dois pardais que os homens vendem por um preço irrisório, estão na verdade, no centro da atenção do próprio Deus: «Dois pardais não se vendem sequer por uma moeda (Jesus mostra conhecer os preços dos produtos do mercado, lugar do quotidiano por excelência: notai que em Lc 12,6 se diz: “Não se vendem sequer cinco pardais por duas moedas”) e no entanto nenhum deles cairá por terra sem o consentimento do vosso Pai» (Mt 10,29). Jesus compara a presença de Deus a uma ave. Jesus fala de Si próprio como cordeiro e o seu gesto mais violento foi para com os vendilhões do Templo e os cambistas: ele expulsa não só os cambistas, mas também os animais, declarando o fim do tempo dos sacrifícios animais, o tempo do sangue

animal vertido para apaziguar Deus, o tempo das vítimas compensadoras em quem se delega a tarefa de morrer para expiar as culpas dos homens. «Jesus expulsou todos do Templo, com as ovelhas e bois e disse aos vendedores de pombos: levai daqui tudo isto» (Jo 2,15-16). Jesus salva estes animais dos carniceiros.

Os cães domésticos que se alimentam das migalhas e do que cai da mesa dos comensais são o argumento que vence a resistência de Jesus para com a mulher cananeia que lhe pede para curar a sua filha (Mt 15,27). Quando quer falar de Si e do Seu ministério itinerante (que narra também, na sua vida sem residência fixa, a dimensão escatológica e peregrina do seu ministério) fala das raposas que têm as suas tocas e das aves e seus ninhos (Mt 8,20). Na parábola do pastor que deixa as 99 ovelhas para procurar a única ovelha perdida, está a narração do amor de Deus preocupado com cada filho seu, mas está, também, a angústia pelo desaparecimento, o receio pela ovelha perdida e confusa que vagueia no meio dos perigos e sente-se a compaixão de Jesus pela dor e medo do animal: noutra ocasião, fala do drama presente quando uma ovelha, burro ou boi caem num fosso ou num poço e é autorizado o trabalho para o salvar, mesmo em dia de sábado «Quem de vós, possuindo uma ovelha, e tendo esta caído a um poço em dia de sábado, não a vai salvar?» (Mt 12,11); «Quem de vós, se um filho ou um boi lhe caem no poço, não o salva imediatamente, mesmo em dia de sábado?» (Lc 14,5). E a ovelha caída no fosso e o boi caído no poço, salvos em dia de sábado, tornam-se ensinamento de liberdade para Jesus: o sábado é feito para o homem e não o contrário. O olhar comovido de Jesus para os animais é manifesto na imagem da galinha e dos pintos sob a sua asa, que está gravada na sua mente: «Jerusalém, quantas vezes quis abrigar os teus filhos como uma galinha abriga os seus pintos sob as suas asas» (Mt 23,37).

Enfim, as referências a animais e plantas remetem para a pobreza do material que Jesus usa nos seus discursos, tão cheios de sabedoria e força: é a pobreza de uma vida, de cada vida, da nossa vida, que, no entanto, pode ser transfigurada por um olhar penetrante, compassivo, amoroso. É transfigurada pela humanidade profunda de Jesus. Vem-me à ideia uma frase do poeta Rainer



Maria Rilke extraída das suas *Lettere A Un Giovane Poeta* nas quais o jovem Rilke de 28 anos, se dirige a Kappus, aspirante a poeta, de 19 anos, com estas palavras: «Se a sua vida quotidiana lhe parece pobre, não a acuse; acuse-se a si próprio, diga para consigo que não é poeta bastante para chamar pelo nome os seus aspectos preciosos; *para aquele que cria, de facto, não há pobreza e nenhum lugar é pobre ou insignificante*» (citado da trad. Italiana in R.M.Rilke, *Lettere a un giovane poeta*, Qiqajon, Bose 2015, p.30). A criatividade, como o deslumbramento, transforma o vulgar em extraordinário. Todas as vidas merecem um romance: é preciso é saber olhá-la, escutá-la e narrá-la. O grande romancista José Saramago, no discurso de aceitação do prémio Nobel para a literatura (1998), falou da pessoa mais sábia que havia conhecido: o seu avô Jerónimo, que era analfabeto, e que, com a mulher, vivia em extrema pobreza, criando alguns porcos e cultivando árvores de fruto. Narra como, quando estava muito frio, os dois dormiam na sua cama com os leitões para não morrerem de frio e conta, também, que, quando a avó ficou só após a morte do avô, a ouviu dizer estas palavras, enquanto contemplava o céu estrelado: «"o mundo é verdadeiramente maravilhoso e é mesmo pena que eu tenha de morrer". Não disse que tinha medo de morrer, mas que tinha pena de morrer, como se a vida de duro e incessante trabalho que tinha tido estivesse naquela altura, naquele momento quase extremo, prestes a receber a graça de um supremo e último adeus, o conforto da beleza revelada. Sentava-se à porta de sua casa, como se igual não houvesse outra no mundo, porque nela viviam pessoas que podiam dormir com os porquinhos como se fossem os próprios filhos, pessoas que lamentavam deixar a vida só porque o mundo era maravilhoso. E o avô Jerónimo, guardador de porcos e contador de histórias, sentindo que a morte se aproximava, foi despedir-se das árvores, no quintal, uma por uma, abraçando-as e chorando porque não as voltaria a ver»<sup>1</sup>. Sabedoria e deslumbramento nestes dois analfabetos que são verdadeiros filósofos porque amantes da sabedoria e a criam mostrando que a sua vida pobre não foi uma pobre vida.

---

<sup>1</sup> J. Saramago, em tradução italiana, «Come i personaggi divennero i maestri e l'autore il loro apprendista», in *I Nobel per la letteratura si raccontano*, Terre di mezzo, Milano 2012, pp. 128-131.

Dormir com os leitões para que não morram de frio, abraçar as árvores porque não voltariam a ser vistas. Os olhos de um cão que amais, de um gato que mora convosco, ou um pássaro ferido, uma raposa agonizante, enfim, o que melhor que tudo isto ou seja, o enigma do sofrimento dos animais, nos fala da enorme fragilidade humana? Jesus estabelece sempre relação entre aquilo que observa nos animais e a condição humana: não valeis vós muito mais do que muitas aves? Se tendes compaixão e salvais a ovelha caída no fosso em dia de sábado, não será lícito e aconselhável tratar, também, dos homens em dia de sábado? Os animais podem ensinar a humanidade. Jesus dá, constantemente, este passo: observa os animais e reelabora interiormente a observação, retirando um ensinamento para os homens. Realmente, existe uma humanidade, um comportamento que podemos aprender com os animais e com a maneira como os olhamos. Pensai na magnífica descrição que fez Rosa Luxemburgo (revolucionária marxista polaca), na prisão onde se encontrava, dos olhos do búfalo ferido pela violência de um homem. Em dezembro de 1917, Rosa Luxemburgo escreve a Sonja Liebnicht, enquanto se encontrava presa no cárcere de Breslavia. Diz ela: «Ai de mim, cara Sonja, que experimentei uma tão grande dor». De que se trata? Rosa encontra-se no pátio da prisão, durante a hora de recreio, e assiste à chegada dos carros que trazem mercadorias várias. Os carros eram puxados por búfalos.

«De estrutura mais robusta e aspecto mais imponente do que os nossos bois, têm a cabeça achatada e os cornos revirados para baixo, sendo o crânio mais parecido com o das nossas ovelhas...vêm da Roménia, são troféus de guerra... os soldados que conduzem os carros contam como foi difícil capturar estes animais bravios e, ainda mais difícil, fazer deles bestas de carga, habituados como estavam à liberdade. Foram apanhados à bastonada, de modo assustador...há alguns dias chegou um carro cheio de sacas empilhadas com uma tal altura que os búfalos não conseguiam passar pela soleira do portão. O soldado que os acompanhava, um homem violento, começou a chicoteá-los de tal modo que a guarda, indignada, o interpelou,

perguntando-lhe se não tinha um pouco de compaixão pelos animais. Nem por nós, homens, há compaixão, respondeu ele com um riso maligno e chicoteou ainda com mais força...os animais, por fim, moveram-se e ultrapassaram o obstáculo, mas um deles sangrava...Sonja, a pele do búfalo é famosa por ser dura e resistente, mas aquela estava lacerada. Durante as operações de descarga os animais estavam exaustos, em absoluto silêncio, e um, aquele que sangrava, olhava em frente e tinha no rosto negro, nos olhos escuros e mansos, uma expressão como a de uma criança que chorou durante muito tempo. Era, de facto, a expressão de uma criança que foi punida duramente e não sabe para quê nem porquê... eu estava diante dele e o animal olhava-me, vieram-me as lágrimas – mas eram as suas lágrimas; pelo irmão mais amado não se pode sofrer mais dolorosamente do que eu, impotente, perante aquele padecimento. Como estavam longe, inacessíveis e perdidos os verdes pastos, livres e viçosos, da Roménia!...E aqui, nesta cidade, ignota e abominável, o estábulo escuro, o feno nauseabundo e bolorento, um misto de palha podre, os homens estrangeiros e terríveis...a pancada, o sangue a jorrar da ferida aberta. Oh, meu pobre búfalo, meu pobre e querido irmão, aqui estamos ambos, impotentes e tristes, e somos um só na dor, na fragilidade, na nostalgia. Entretanto, os presos corriam, afanosos, de um lado para o outro, à volta do carro...; pelo contrário, o soldado enfiou as mãos nos bolsos, deambulou pelo pátio, sorriu e assobiou uma melodia»

Sem uma relação vital com os animais e as plantas, sem velar pela vida de um animal ou cultivar uma planta, será possível ter sentimentos humanos de piedade e compaixão? Na cena inicial do filme *O Espelho*, de Tarkovskij <sup>2</sup>, um

---

<sup>2</sup> Sobre o filme *O Espelho*, na tradução italiana, cf. A. Tarkovskij, *Scolpire il tempo*, Ubulibri, Milano 2005, pp.97-148; S. Salvestroni, *Il Cinema di Tarkovskij e La Tradizione Russa*, Qiqajon, Bose 2005, pp. 47-90.

desconhecido diz à mãe do protagonista do filme, enquanto jaz por terra depois de ambos se terem deitado no prado onde estavam sentados:

«Eis-me por terra e estão por aqui tantas coisas, ervas, raízes... e vós nunca pensastes, nunca imaginastes que as plantas sentem, têm uma consciência, uma capacidade de compreensão? As árvores ... não se movem, somos nós que corremos, nos agitamos, dizemos banalidades. Isto acontece porque não acreditamos na natureza, não acreditamos em nós mesmos. Somos desconfiados, temos pressa e já não temos tempo para pensar».

E se estas palavras vos parecem atraentes mas improváveis, permito-me aconselhar-vos a leitura do livro *Aquele que Conhece uma Planta. Guia de sentimentos no Mundo Vegetal*, de Daniel Chamowitz, biólogo que dirige o centro de biociência das plantas de Telavive, e fez descobertas revolucionárias no âmbito da biologia vegetal.

Mas voltemos a Jesus detendo-nos sobre aquilo que pede aos seus apóstolos. Na página evangélica de Mt 6 Jesus diz: «Olhai atentamente as aves do céu», «vede os lírios do campo», e noutro lugar: «vejam os corvos» (Lc 12, 24), «olhem para a figueira e todas as árvores» (Lc 21,29), «Aprendei com a figueira» (Mt 24, 32). São conselhos de Jesus que normalmente não tomamos em consideração porque pensamos – talvez com razão, ou não – que não tenham a mesma relevância de «Fazei isto em memória de Mim» ou de «Estai vigilantes e orai» ou de «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei», no entanto são palavras que revelam tanto a pessoa de Jesus como quanto Ele amava os seus discípulos. Antes de mais, revela-nos algo de Jesus, da sua alma, da sua vida interior, da sua humanidade, do seu coração. E sobre o qual, por isso, não estamos autorizados a passar com ligeireza. Jesus observava animais, plantas e flores e deles recolhia o ensinamento, aprendia na sua escola. Já vimos que no seu falar de Deus e do seu Reino aparecem galinhas e pintos, raposas e lobos, camelos e burros, porcos e serpentes, escorpiões e vespas, pássaros e pombas,

abutres e mosquitos, traças e peixes, bois e vitelos, abelhas e cabras, cães, grãos de mostarda e grão-de-bico, legumes e cardos, trigo e joio, amoreiras e sicómoros, figueiras e vinhas, plantas aromáticas, hortelã, cominhos, funcho. As palavras de Jesus mostram-nos que animais, árvores, e flores são mestres. Eles são-no, também para nós, hoje, com a sua presença silenciosa, com a sua simples existência: a recomendação de Jesus dirige-se a nós humanos, que devemos despertar para o real, deixarmo-nos iluminar pelo real, deixarmo-nos surpreender e admirar, devemos escutar, observar e aprender com as obras da criação. Porque só então a nossa experiência de Deus e o nosso falar dele poderão ter alguma credibilidade. Animais, árvores e flores estão ali com a sua silenciosa presença a oferecer-nos com discrição a possibilidade de entrar em consonância com o sentir do próprio Jesus. Que aprender com as obras da criação? O que nos ensinam? Antes de mais a desfazer a ilusão que nos habita e nos move quotidianamente do nosso situarmo-nos ao centro, de sermos o centro de tudo. Pelo contrário, somos uma grande comunhão, ao lado dos animais domésticos e selvagens, ao lado das diversas plantas que diariamente nos narram a sua fidelidade, ao lado das flores que nos ensinam a lição da precariedade e preciosidade da beleza. Sim, estas criaturas são mestras, mas antes de tudo são companheiras, amigas, irmãs, irmãos. São para nós consolação pela sua simples existência a nosso lado sem que nós o tenhamos minimamente merecido. Portanto ensinam-nos a grandeza das coisas pequenas, a nós, que nos fascinamos com aquilo que é poderoso e se impõe, no mundo como na Igreja. Ensinam-nos a relativizar o sentido de indispensabilidade das nossas ações para fazer andar o mundo em frente: frequentemente é só um modo de sossegar a nossa angústia, de apaziguar a nossa consciência, de nos iludirmos por ter o controlo sobre a realidade e sobre os outros. As aves do céu, diz Jesus, não semeiam nem recolhem os grãos. Os lírios do campo não se cansam e não fiam. Ensinam-nos – estas criaturas – a parar, a entrar em amizade com o tempo, a olhar e a ver, a ouvir e escutar o seu conto, a dialogar silenciosamente com ele. Ensinam-nos a estar presentes nele e portanto em nós próprios. Ensinam-nos a humildade, o esforço e a beleza da contemplação.

Escutando a sua oração que se dirige a nós e nos pede para a respeitar, para a deixar existir, ensinam-nos que o único verdadeiro poder legítimo que temos é sobre nós mesmos, o que nos faz mudar o nosso coração, o nosso olhar, o nosso sentir. Ensinam-nos a compaixão, como vemos nas palavras inspiradas de Rosa Luxemburgo e enfim ensinam-nos ou melhor, revelam-nos um rasgo da invisível beleza de Cristo. Pode acontecer portanto, que os mandamentos de Jesus neste discurso de Mt 6 sejam menos importantes do que aqueles anteriormente citados: «Fazei isto em memória de mim», «vigiai e orai», «amai-vos uns aos outros». E no entanto a atenção e a estupefacção, a escuta e o diálogo, aos quais as criaturas nos convidam, fazem plenamente parte da vigilância, da oração e do amor que Jesus nos pede. Escreve a Irmã Maria de Campello: «Uma estrela que nos olha do céu, uma flor que nos dá o seu sorriso, são coisas santas diante das quais é pecado ficar indiferentes». Mas, depois, como corresponder ao mandamento de nos amarmos uns aos outros sem o concreto cuidar do corpo e da pessoa do outro? Sem amar o ambiente onde ele vive? Como amar verdadeiramente sem deixar àqueles que virão depois de nós um mundo de beleza e próprio para viver? É ainda Maria de Campello que nos diz: «as pessoas espiritualistas consideram defeituosa, contaminada, a via humana, e procuram, como perfeita, a via sobrenatural; para mim a via humana é a via apontada por Jesus».

E concluímos com a leitura de um texto que eu acho comovente. Um trecho da poetisa francesa Marie Noel extraído do seu livro: *A Obra do Sexto Dia*. Aí se encontra narração da criação, o cão lambia a mão do bom Deus e acariciava-o e o bom Deus acariciava-lhe a cabeça. «Cão, qual é o teu desejo?» «Senhor, bom Deus, gostaria de viver perto de ti, no Céu, sobre o capacho que tens à porta» «Impossível» disse o bom Deus «Não preciso de cão porque ainda não criei os ladrões» «E quando os vais criar, Senhor?» «Nunca, estou cansado. Tive 5 dias de trabalho e preciso de repousar. Criei-te a ti cão, a minha melhor criatura, a minha obra-prima. É melhor ficar por aqui. Não está certo que um artista se sobrecarregue para lá da sua própria inspiração. Se continuasse a criar seria capaz de arruinar a minha obra. Vai, cão! Corre veloz e arranja um lugar na

Terra. Vai e sê feliz.». O cão suspirou profundamente. «O que farei na Terra, Senhor?» «Comerás, beberás, crescerás e multiplicar-te-ás». O cão suspirou ainda mais profundamente. «Que mais queres?» «Senhor, meu dono, não poderias habitar na Terra, também Tu?» «Não», disse o bom Deus. «Não, meu cão, garanto-te que não. Realmente, não posso descer à Terra para fazer-te companhia. Tenho mais que fazer. Este Céu, estes anjos, estas estrelas dão-me um trabalho. Então o cão começou a afastar-se, de cabeça baixa. Mas voltou. «Ah, se somente, meu bom Deus, se houvesse, lá em baixo, uma espécie de dono parecido contigo....» «Não, disse o bom Deus, «Não há». O cão fez-se pequenino, pequenino, muito baixinho e suplicou-lhe ao ouvido «Se tu quisesses, Senhor bom Deus, poderias sempre tentar...» «Impossível» disse o bom Deus «Aquilo que fiz, está feito, a minha obra está completa. Não poderei criar um ser melhor do que tu, se criasse outro hoje, estou a sentir um formigueiro na minha mão direita, seria um ser imperfeito». «Oh Senhor bom Deus», disse o cão «Não importa que seja imperfeito, desde que possa segui-lo para onde vá e me possa estender diante dele quando repousa». Então o bom Deus maravilhou-se por ter criado uma criatura tão boa e disse ao cão «está bem, farei o que dita o teu coração». E, reentrando no seu laboratório, criou o Homem. O Homem é imperfeito, naturalmente. O bom Deus tinha avisado. Mas o Cão está verdadeiramente feliz.

### **A escuta de Jesus**

Como escuta Jesus de Nazaré? Jesus é aquele que escuta o Pai, mas é, também, aquele que sabe escutar e encontrar os homens e as mulheres do Seu tempo. A prática da escuta é constitutiva da prática de humanidade que Jesus vive. Aprender a escutar significa colocar-se na escola de humanidade de Jesus. Sublinho sete pontos que emergem das narrações acerca das narrações evangélicas acerca da escuta que Jesus põe em prática.

1. A escuta do outro, como Jesus a ensina, é, antes de mais, *acolhedora e não de juízo*. Jesus entra na situação pessoal do outro, sem nunca julgar, aceitando o outro como se lhe apresenta, mesmo quando se trata de situações, moralmente, muito discutíveis. É assim com a prostituta em casa de Simão, o leproso (Lc 7,36-50). Jesus escuta e vê o gesto de gratuidade e releva tudo aquilo para ver nela não uma prostituta, como fazem todos os outros, com olhar preguiçoso e malícia no coração, mas sim uma mulher capaz de amar. E Jesus escuta e acolhe as maneiras com que ela exprime o amor: não com palavras, mas com o corpo. E Jesus consegue ver o amor onde todos os outros vêm só o pecado. Defeito este, frequente, também, nos ambientes eclesiais.
2. Na prática de Jesus, a escuta do outro é escuta do sofrimento do outro. Perante o endemoninhado de Gerasa (Mc 5,1-20), homem violento e provocador e que lhe vai ao encontro, Jesus não o abandona, pergunta-lhe o nome, procurando a relação, dando-lhe tempo, energia psíquica, afectiva e intelectual, com a coragem de quem crê na força da palavra e confia no outro. Escutar é confiar no outro. E esta é uma das experiências mais vitais que podemos fazer. Que alguém acredite em nós! Jesus fica em frente de quem o ameaça porque não está a sentir as coisas agressivas e violentas que aquele homem está a dizer, mas porque escuta o sofrimento do qual nasce aquela agressividade. Bem sabemos como muitas palavras e formas de comunicação agressiva nascem de traumas e violências sofridas e não sanadas.
3. A escuta do outro torna-se, com frequência, para Jesus, *compaixão*. Diante das multidões que o haviam precedido e aos discípulos na outra margem do Lago de Tiberíades, Jesus sente compaixão isto é, deixa ressoar em si o sofrimento, o abandono, a penúria, a sede destas pessoas e convence-se a alterar o programa de repouso que tinha idealizado para si e para os seus discípulos, quando lhes tinha dito: «Venham comigo e



repousem um pouco» (Mc 6,31). Tal como experimenta compaixão pelo leproso que o interpela (Mc 1, 41). A compaixão é o não radical à indiferença perante o mal do próximo: nela eu participo e comunico, tanto quanto me é possível, no sofrimento do outro homem. O sofrimento pelo sofrimento alheio é um dos sinais mais importantes da dignidade humana. A compaixão é uma forma fundamental do encontro com o outro, uma linguagem humaníssima, porque linguagem de todo o corpo que coenvolve os sentimentos, a gestualidade, a palavra, a presença pessoal. E perante o doente pelo qual já nada há a fazer do ponto de vista médico, o que resta se não sofrer com ele, ficando ao seu lado, falando-lhe, exprimindo-lhe nos modos que ele possa ainda compreender, que nós o amamos? Este comportamento mostra-se particularmente diante dos problemas dos doentes e dos sofredores, mas não só, porque isso é sentir o outro na sua unicidade. Claro que, diante de quem sofre, sentimos da parte dele um apelo, uma voz que chama e que pede para ser ouvida: a dor isola e é deste isolamento e sentimento de solidão e abandono que nasce o apelo ao outro, a invocação do outro... A relação de compaixão começa na minha dor na qual faço apelo ao outro, na sua dor que me perturba, na dor do outro que não me é indiferente e que aceito ouvir ainda que, normalmente, os nossos ouvidos, os ouvidos do coração se fechem diante do sofrimento alheio. Esta escuta do sofrimento alheio é a compaixão... O sofrimento para reduzir o sofrimento do outro é a nossa maior dignidade...A compaixão isto é, etimologicamente, sofrer com o outro, tem um sentido ético.

4. A escuta é obra de *discernimento* na qual é também envolvido o corpo. No episódio do encontro com a mulher hemorroíssa, Jesus sente que uma pessoa lhe tocou o bordo do seu manto no meio da multidão, e intui imediatamente que foi uma mulher. Assim sugere o texto de Mc 5, 30-34, e Jesus sente com o discernimento do coração e do corpo, que aquele tocar era um pedido de auxílio.

5. A escuta é, por vezes, cansativa, mesmo para Jesus e Ele próprio lhe opõe *resistência*. O episódio do encontro com uma estrangeira, a mulher cananeia, como narrado em Mt 15, 21-28, mostra-o bem. Primeiro Jesus nada responde à mulher que implora (15, 23), depois responde secamente aos discípulos que querem levar dali a mulher que o incomoda (15,24); então, responde com dureza inusitada à própria mulher que insiste em pedir-lhe auxílio (15,26) e, por fim, deixa-se vencer e convencer pela insistência e pela inteligência da Fé da própria mulher (15, 27-28). O comportamento de Jesus, motivado teologicamente, não é, no entanto, tão dogmático e impermeável à invocação que parte de uma mãe que tem uma filha gravemente doente. Jesus permanece aberto ao outro e sabe modificar posições teológicas que, assim, não constituem barreiras ao diálogo.
  
6. A escuta do outro é sempre *diferenciada*, isto é, relativa à pessoa que Jesus tem diante de si. E, frequentemente, no seu escutar e relacionar-se com as pessoas, Jesus mostra que a escuta é lugar para fazer nascer o outro, para promover a sua subjectividade, para fazer crescer o outro, não para lhe dizer o que deve fazer. Assim, frequentemente, Jesus devolve a pergunta a quem lha faz para conduzir o interlocutor a ir ao mais fundo de si mesmo e encontrar em si próprio os recursos e as respostas à própria questão. Ao homem rico que lhe pergunta “ Bom Mestre, que devo fazer para ter a vida eterna?”, Jesus responde utilizando a sua pergunta e interpretando a sua interrogação como um pedido de instruções para fazer algo de concreto não com o desejo de encontrar realização saindo de si, mas pela via da relação. A escuta de Jesus conduz o outro a ouvir-se a si próprio e a fazer um percurso interior (Mc 10, 17-22).
  
7. A escuta de Jesus é sempre *personalizada*: Ele nunca se relaciona com um pertencente a uma categoria. Para Ele o outro tem sempre um rosto e

um nome preciso e irreduzível (Mc 5, 9). À mulher samaritana que lhe diz: “Tu és judeu e eu sou samaritana, por que me diriges a palavra, visto que entre nós não há relações?”, Jesus responde fazendo percorrer um itinerário em que esta mulher larga a sua etiqueta, de inimizade étnica, e é restituída a si mesma, à própria realidade familiar, à sua história pessoal, à tradição samaritana, à sua pertença religiosa e acontece o encontro e o diálogo (Cf. Jo, 4, 1-42)

Em suma, Jesus ensina-nos a escutar e a encontrar as pessoas, mostrando a profundidade da realidade da escuta, que não é apenas passiva, mas uma actividade extremamente exigente e trabalhosa, uma actividade que faz nascer o outro para a vida.

### **Jesus, o choro e as lágrimas**

Jesus, dizem-nos os Evangelhos, chorou. E, certamente, também riu, ainda que os Evangelhos nunca o digam abertamente. Tanto assim é que uma antiga tradição afirma que Jesus «nunca riu». Coisa que tornaria bastante inverosímil e grotesca, por exemplo, a sua presença em banquetes nupciais e festas, festas essas que são, por natureza, alegria partilhada. O silêncio dos textos é, por vezes, devido ao carácter pleonástico daquilo que haveria para dizer. Perdoai a banalidade, mas os textos não dizem, sequer, que Jesus respirasse. Mas supõe-se que o tenha feito. Pelo contrário, os Evangelhos dizem que Jesus chorou. Chorou, desfazendo-se em lágrimas perante o amigo Lázaro morto. Diz Jo 11, 32-37: «Quando Maria percebeu onde se encontrava Jesus, assim que o viu, lançou-se a seus pés, dizendo-lhe: “Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido”. Jesus, então, quando a viu chorar e chorarem, também, os judeus que tinham vindo com Ele, comoveu-se profundamente e, muito perturbado, perguntou: “Onde o puseram?”. Disseram-lhe: “Senhor, vem ver”. Jesus desfez-se em lágrimas.

Disseram, ainda, os judeus: “Olhem como o amava”. Mas alguns deles disseram: “Ele que abriu os olhos ao cego, não podia, também, ter feito com que este não tivesse morrido?”. Jesus chora diante de um amigo morto, o Seu choro é sinal de luto e é acompanhado de profunda perturbação, da angústia que o estremece: “comoveu-se, perturbou-se profundamente”. O verbo indica uma perturbação psicológica, uma agitação profunda, uma prevalência da emotividade que se manifesta, também, no contágio emotivo por ver a angústia e o choro dos outros.

Sabemos que Agostinho de Hipona viveu uma situação semelhante, que descreveu nas suas *Confissões*. No capítulo IV das *Confissões*, Agostinho, descreve a angústia que se apoderou dele quando um seu amigo morreu na sequência de uma doença. «A angústia encheu de trevas o meu coração. Qualquer objecto que se me deparasse era morte... Todas as coisas que tinha tido em comum com ele, eram um suplício terrível. ...Eu próprio me constituía para mim um grande enigma ... Apenas as lágrimas me eram doces e tomaram o lugar do meu amigo para me confortar o espírito» (Cf. IV,4,9). Agostinho dirige-se, então, a Deus para lhe pedir: «Que o pranto se torne doce para os infelizes», constatando que «Se não pudéssemos chorar aos Teus ouvidos, não nos restaria qualquer esperança. Como é, então, que, da amargura da vida, colhemos aquele doce fruto que está no lamento e no choro?» (Cf. IV,5,10). Se nestas situações trágicas o significado do choro é bem compreensível, diga-se que ele, o choro, que representa uma capacidade inata do homem, é uma linguagem semanticamente polivalente que exprime angústia ou alegria, compaixão ou autocomiseração, sinceridade ou falsidade, amor ou medo. Há uma infinidade de significados. *O pranto é uma linguagem, as lágrimas são palavras não verbais, são uma forma de comunicação*. Chorar à frente de uma pessoa visa suscitar nela uma sua reacção, exprime um pedido de atenção. Com o choro procuramos transformar em apoio a indiferença dos outros: quem assiste ao choro alheio, impressiona-se, de tal maneira, com uma tamanha exteriorização de vulnerabilidade que, normalmente, tende a fazer-se próximo, a consolar, a confortar. As frágeis e quase fugidias lágrimas têm um enorme poder! O pranto é um meio usado pelos humanos para manter o contacto entre si. O próprio choro infantil não

exprime apenas a necessidade de obter satisfação, mas tende, também, a criar uma ligação entre a criança e os pais.

O choro requer uma interpretação. No nosso texto isso é feito por quem a ele assiste como sinal do amor que ligava Jesus a Lázaro: «Vejam como o amava!». Torna-se, também, transformado por outros em motivo de acusação e murmúrio contra Jesus: «Ele, que abriu os olhos ao cego, não poderia ter feito com que este não tivesse morrido?». O choro nem sempre é de fácil ou unívoca interpretação: perante quem chora, ficamos, muitas vezes, embaraçados (procuramos palavras e, sobretudo, gestos que sejam adequados ao apelo choroso do outro) e tentamos interpretar as suas lágrimas. As lágrimas revelam um aspecto da alma e quase a põem a nu. Elas são a parte visível, porque trémula e transparente, do nosso desejo. Elas unem na perfeição interioridade e exterioridade. Corpo e alma. «As lágrimas passam a sua vida fora do corpo, testemunhando no seu exterior a sua mais autêntica interioridade». São a visibilidade do invisível. Esta sua característica torna-as uma linguagem frequentemente sentida como mais autêntica e profunda do que a das próprias palavras: «Afim, o que são as palavras? Uma lágrima bem as supera em eloquência»; «Graças às lágrimas eu posso viver com a dor porque, chorando, me entrego a um interlocutor empático que recebe a mensagem *mais autêntica*: a do meu corpo e já não a da minha língua» (Roland Barthes). As lágrimas dizem-nos algo sobre a sapiência do corpo exprimindo uma dimensão da verdade inata no corpo, que as palavras e o discurso conceptual não conseguem manifestar. De resto, o choro verifica-se, amiúde, quando menos somos capazes de verbalizar, adequadamente, emoções complexas e perturbadoras: o pranto sabe dar voz a uma mescla de estados de ânimo muito contrastantes. Jesus, diante de Lázaro e da dor e da morte, encontra-se nesta situação psicológica. E, aqui, poder-nos-íamos interrogar sobre a relação entre choro e sofrimento. Habitualmente, associamos o choro ao sofrimento. Mas o choro é, também, já ele, um sofrimento ou, mesmo, reelaboração do sofrimento? As palavras de Agostinho exprimem bem o carácter misterioso do mundo das lágrimas. «O mundo das lágrimas é tão misterioso», põe Saint-Exupéry na boca do Príncipezinho. As lágrimas nascem da dor, mas fazem-nos “sentir melhor”. Exprimem angústia, mas produzem, também, um prazer físico.

Na verdade, elas, mais do que um desabafo, abrem caminho para uma *reorientação das emoções*: elas deslocam a nossa atenção da mente para o corpo e, assim, atenuam a dor psicológica. Sublinho o facto de que em Jo 11,35 o verbo usado, *dakryo*, é, exactamente, aquele que exprime desfazer-se em lágrimas. *Lacrimatus est Jesus*, traduz Jerónimo, que, pelo contrário, em Lc 19,41, onde se fala, pela segunda vez, do pranto de Jesus à vista de Jerusalém, traduz, então: “*videns civitatem flevit super illam*”. Aqui trata-se do choro de Jesus sobre a destruição de Jerusalém, que já entrevê. Choro que realiza um contraponto inesperado ao riso e à alegria que acompanhavam a chegada dos peregrinos a Jerusalém (segundo os salmos, nomeadamente o salmo 122). Aqui, o pranto é um acto profético, sinal de compaixão por Jerusalém e, também, de impotência perante aquilo que está para acontecer. Aqui, em Jo 11, estamos perante as lágrimas de Jesus.

Mas o texto de Agostinho diz algo mais, ligando o choro à expressão da esperança e faz das lágrimas uma espécie de oração: “Se não pudéssemos chorar ao Teu ouvido, ficaríamos sem réstia de esperança”. Sobretudo, Agostinho fala de um choro aos ouvidos de Deus, um choro que é uma oração. Em Jo 11, constata-se que Jesus, que tinha acabado de chorar, fala a Deus, ao Seu Pai, afirmando a Sua certeza de que será escutado por Ele: «Jesus ergueu os olhos e disse: “Pai, eu Te dou graças porque Me ouviste. Eu sabia que Tu sempre Me escutas”» (Jo 11, 41-42). As lágrimas surgem, sobretudo, como oração, diz esta passagem joanina. Como linguagem comunicativa, o choro exprime *desejo, expectativa, oração*. Nos salmos, a oração daquele que reza é, frequentemente, acompanhada de lágrimas, tanto na doença: “Estou exausto de tanto gemer, passo as noites a chorar, inundo de lágrimas o meu leito, os meus olhos consomem-se na dor... porque o Senhor atendeu às minhas lágrimas” (Sl 6,7-9); “ De pão e cinzas me alimento, junto as lágrimas à minha bebida” (Sl 101 (102),10). Noutras situações difíceis, como referido no Salmo 39 (40), em que um homem em sofrimento psicológico e atingido por sentimento de culpa e depressivo pela consciência da própria finitude irremediável; ou no caso referido no Salmo 41 (42) de um homem na situação de exílio; ou como no Salmo 79 (80,6), em que o pranto comunitário, pranto como expressão de uma situação de desolação histórica, depois de uma guerra, o pranto

que acompanha a perda da liberdade, a derrota militar; o pranto, sempre efusivo do salmista “perante o rosto do Senhor” (Sl 142,3), é, assim, uma oração que o Senhor aprecia e escuta: “Contaste os passos do meu vagar, recolheste as minhas lágrimas num vaso” (Sl 56,9). Na tradição hebraica são vividas como linguagem de oração mais potente e eficaz do que a oração silenciosa e do que o grito. As lágrimas caem na terra, mas a sua eficácia sobe ao Céu: em certo sentido, caem para cima; as lágrimas são a terra que ora ao Céu.

Mas, depois, há o texto de Agostinho, que associa lágrimas e esperança. Que relação pode haver entre lágrimas e esperança? Um texto de Paulo permite-nos um esboço de resposta. E é, também, útil para compreender melhor a situação do choro de Jesus que precede o acto da devolução da esperança a Maria que, pelo contrário, estava tomada pelo desespero e que o censurava: “Se tu estivesses estado aqui...”.

Escreve o apóstolo na Carta ao Romanos: “Aquilo que esperamos, bem visto, já não é esperança: de facto, aquilo que já vemos, como podemos esperá-lo? Mas se esperamos aquilo que não vemos, esperamos-lo com perseverança” (Rm 8,24-25). A esperança espera o invisível, portanto, o eterno (2Cor 4,17-18). O objecto da esperança é subtraído ao poder de quem espera, não lhe é disponível. A esperança não espera aquilo que é racionalmente previsível, mas supõe uma ausência e um desconhecido, um *não possuir e um não saber*. A esperança é humilde e pobre, é, sobretudo, dos humildes e dos pobres. De certo modo, a esperança supõe, também, um *não ver*. No entanto, *a confiança e a perseverança* que caracterizam a esperança dizem que ela vê algo. Talvez veja o invisível, como Moisés que deixou o Egipto e, com firmeza e sem medo, fez o seu caminho “como se visse o invisível”. *Homo viator spe erectus*, diz um antigo provérbio: é a esperança que aponta o caminho ao homem, que o guia, que o orienta no caminho e que o mantém na posição erecta que o caracteriza. Mas que significa ver o invisível? Talvez precisemos de nos perguntar: *como* vemos a esperança? O filósofo Gabriel Marcel fala de uma forma de *visão velada*: “certamente não se poderá dizer que a esperança veja aquilo que acontecerá, mas ela afirma *como se visse*; dir-se-ia que a sua autoridade procede de uma forma de visão velada, da qual não se pode

usufruir, mas com a qual se pode contar com toda a confiança”. Talvez esta visão velada seja aquela do *olho que chora*, do olho velado pelas lágrimas. Vê a morte e invoca a ressurreição. Vê a dor e anseia pela sua redenção. Recorda o sofrimento e procede para que não se repita. Pode perguntar-se: e se a função do olho humano fosse chorar, mais do que ver? Também os olhos dos cegos conseguem chorar. As palavras do filósofo Jacques Derrida são comoventes: “Se as lágrimas vêm aos olhos, se também podem turvar a visão, talvez revelem, no decurso desta experiência, uma essência do olho, em todo o caso nos olhos dos humanos...no preciso momento em que velam a visão, elas dariam verdadeiramente a visão aos olhos. Aquilo que fazem é fazer sair da lembrança em que o olhar as retém, seria nada menos do que a verdade dos olhos em que, assim, as lágrimas revelariam o seu destino supremo: ter em vista a imploração, mais do que a visão, endereçar a oração, o amor, a alegria e a tristeza, mais do que o olhar”. Os olhos velados pelas lágrimas vão além da visão e do saber e aproximam-nos “da essência das coisas: da verdade, pelo menos daquela da dor e da esperança”. No choro, a experiência da dor pode abrir-se, misteriosamente, à dimensão da esperança. O choro de Jesus, torna-se, aqui, abertura à esperança.

### **Jesus e a cólera**

A cólera é uma emoção. Como tal, ela não é boa nem é má. Mesmo na nossa tradição cultural e religiosa, a ira goza de má fama. E está incluída entre os pecados capitais. Porquê? Porque é associada *tout court* à violência, porque é sentida como incompatível com o amor, porque é reconhecida como inconveniente desde a mais antiga tratadística filosófico-moral, que a considerou uma paixão, atribuindo-lhe a parte irracional da alma. E, mesmo para a tradição bíblica, a cólera é ambivalente. Pode, certamente, ser pecaminosa, mas também santa. Jesus é o modelo da suavidade e da doçura (Mt 11,29), mas foi também ele que, “improvisando um feixe de cordas expulsou do Templo os vendilhões com as suas



ovelhas e bois, deitou por terra o dinheiro dos cambistas, derrubando-lhes as bancas” (Jo 2,15), ‘foi ele que olhou “com ira” (Mc 3,5) aqueles que estavam a verificar se ele tinha curado alguém em dia de sábado para poderem acusá-lo e que se volta contra os discípulos que impediam as crianças de se aproximarem dele (Mc 10,14) e lhes dirige palavras duras (Mc 8,17-21), assim como dirigiu expressões eivadas de ira profética nas querelas com os mentirosos e os hipócritas (Mt 23,13-36). Um aspecto da cólera de Jesus é a sua dimensão profética, é o seu fazer integrar a linguagem e o comportamento profético, falando mal do mal, deve-se despertar quem tem a consciência adormecida e se torna cúmplice do mal, deve-se reprovar quem pratica o mal. Existe, pois, a cólera desumana de quem não suporta, pela sua intransigência religiosa, que um homem seja curado em dia de sábado. Na igreja, como na comunidade, essas são, normalmente, as pessoas mais esquemáticas, zelosas, rigoristas e intolerantes, as pessoas do dever a todo o custo, da devoção cega ao líder, da obediência intransigente, da recusa do diálogo, as pessoas possuídas pelos medos de todo o género e que só conseguem viver se, à sua volta, real ou ilusoriamente, causam medo aos outros e sentem a vitória fazendo um mal de que nem têm consciência. Ora, o problema não é estar colérico, mas o uso que se faz dessa cólera, como a exprimimos e o que revela acerca daquele que é visado. Escreve Agostinho: “Na nossa doutrina pede-se à alma crente que não se encolerize, mas perceba porque está triste, de onde lhe vem a tristeza, não se tem medo, mas qual a causa do seu medo” (*De civitate Dei* IX,5). A cólera, de facto, é reveladora da nossa vulnerabilidade: ela permite conhecemo-nos. Por que razão uma determinada situação, ou gesto, ou atitude ou palavra de outra pessoa terá suscitado cólera em mim? O que me diz, sobre mim, a minha cólera? Estas perguntas mostram-nos que a cólera traduz e exprime essencialmente o sentimento de invasão do nosso território (simbólico) por parte de um outro, ou então o nosso medo de não sermos reconhecidos, respeitados, compreendidos ou, mesmo, o nosso estado de fadiga ou de stress. É, portanto, fundamental o modo de expressão da cólera: se a cólera não é autocontrolada, se o sujeito não assume a responsabilidade das próprias emoções, e portanto da cólera, ela pode explodir com uma violência que se manifesta por gestos ou palavras e pode matar. A violência

verbal não é só a dos tons gritados e agressivos, mas, também, a do uso interesseiro e desonesto dos filhos dos outros, da manipulação das palavras para o nosso interesse, da mentira, até à calúnia. Certamente, é necessário que a cólera encontre vias de expressão adequadas. A cólera reprimida pode ser ainda mais mortífera do que aquela que é expressa. Já citámos a passagem de Gregório Magno que denuncia os efeitos muito mais desastrosos da ira contida do que os da ira manifesta e expressa. A cólera, cultivada e alimentada interiormente, torna-se rancor, ódio... e o ódio é capaz de executar a frio aquilo que a cólera só a quente poderia fazer. Certamente, existe uma cólera descontrolada que desumaniza o homem, tornando-o semelhante a um animal selvagem: a cólera desfigura o homem e o paroxismo da ira torna o homem tão assustador como ridículo. E, sobretudo, um momento de cólera pode bem arruinar o bem construído ao longo de muito tempo e infinita paciência.

Todavia, a Escritura e a Tradição falam, também, de uma cólera santa, uma cólera-virtude, de “uma cólera que nasce do zelo e que é uma virtude” (Gregório Magno, *Moralia* V,82). Como definir uma cólera santa? O que torna a cólera uma coisa santa?

É santa a cólera que mantém o contacto com Deus e com o outro. A cólera de Job exprime a sua vontade de não menosprezar Deus, de se afastar dele; ela põe-no numa relação de oposição de tal maneira pessoal com Deus, que não pode, seguramente, recorrer a explicações superficiais. Arrisco cair em cólera quando me preparo para cortar relações com aquele com quem me zanguei: não exprimo a cólera, mas faço de conta que o outro não existe, faço um luto antecipado. É, então, que notamos que a ira de Deus, tão frequente na Escritura, é o modo que Deus escolhe para manter o contacto com o homem, o homem que ele ama. E exprime a indignação e o sofrimento de Deus pelos males que o homem inflige e acaba por sofrer, é a reacção escandalizada de Deus à injustiça humana, que se traduz em sofrimento pela vítima injustiçada.

É santa a cólera que não se arroga o direito da vingança, recusando a espiral de violência e retaliação sem fim. A vingança bloqueia o tempo, mantem-nos

ancorados a um passado que não queremos reviver, mas, também, em sofrimento pelo erro humano do culpado da injustiça.

É santa a cólera que não é um fim em si mesma, mas procura reencontrar a plenitude da relação com o outro.

É santa a cólera que se incendeia perante a injustiça, a opressão, a violência organizada pelos prepotentes. E é santa a cólera que me afasta das situações de violência gratuita, que nos arrisca a entrar em confusões e a que me defende das pessoas que me usam e manipulam. Aqui, a cólera é, também, a capacidade de dizer não, de dizer basta!

É santa a cólera que nos faz repelir as imagens culpabilizantes e distorcidas de Deus assim como aqueles sistemas religiosos ou ideológicos que contradizem o humano, como faz Job que recusa o princípio da retribuição.

É santa a cólera que nos purifica o coração: “Sem cólera não haveria pureza no homem, se ele não se irritasse contra tudo aquilo que é espalhado pelo seu Inimigo” (clama Isaías).

É santa a cólera que se põe limites: “Encolerizai-vos, mas não pecai. Não caia a noite convosco ainda irados” (Ef 4,26). Poderíamos assim falar, paradoxalmente, numa *cólera suave*.

Portanto, com Jesus, podemos aprender tanto a suavidade e a paciência, como a cólera, sabendo, é claro, que são cambiantes e modalidades do próprio amor.

### **Tristeza e medo de Jesus perante a sua morte**

É, sobretudo, na proximidade dos acontecimentos finais da sua vida, que os Evangelhos nos falam da angústia, do medo, da tristeza de Jesus perante a perspectiva da morte iminente. Jesus sente-se abandonado, só, inquieto, perturbado no mais profundo do seu ânimo. “Ficai aqui e vigiai comigo” (Mt 26,38), onde está sublinhado *comigo*. Jesus experimenta a *falta de ar*, principal sinal da

angústia. Jesus assusta-se, sente o medo, diz Marcos: Jesus começou a assustar-se e a sentir angústia” (Mc 14,33).

Sim, Jesus tem medo da morte. Jesus procura entender estas emoções que o agitam através da oração, oração que se torna luta, *agòn*. “Na sua agonia, Jesus rezava mais intensamente” (Lc 22,44). Mas também a sensação de morte que o oprimia, ele procura dizê-la e exprimi-la com as palavras do salmo 42, com as palavras recebidas da tradição de oração do seu povo. A luta torna-se um encontro-desencontro de vontades: a sua e a de Deus ( Lc 22,42); (Mc 14,35-36); (Mt 26,39). Como nos Salmos, a oração de Jesus é, também, leitura e expressão das próprias emoções e do próprio corpo diante de Deus. E, na Carta aos Hebreus, na agonia no Getsemani, Jesus verteu lágrimas enquanto suplicava e rezava: Hb 5,7.

Mas gostaria de vos fazer entrar no drama espiritual que Jesus viveu na fase final da sua vida. Os Evangelhos, embora com diferenças notórias, testemunham que esta vida teve um final trágico e escandaloso culminado pela infame morte de cruz. Isto surge, com particular evidência, nas narrações evangélicas da paixão segundo Mateus e segundo Marcos. Aquele que atraiu multidões e criou uma comunidade itinerante de discípulos, é rejeitado pelas multidões que lhe desejam agora a crucifixão e é abandonado pelos discípulos, que o deixaram só. Aquele que tratou e curou tanta gente doente no corpo e na mente, encontra-se impotente para tratar quem quer que seja. Aquele que anunciou o Evangelho do Reino com o poder da Palavra e tanto ensinou aos esfaimados da palavra de Deus, agora entra progressivamente no silêncio. Aquele que viveu uma vida de fidelidade ao Deus único, vê-se julgado e condenado pelas legítimas autoridades religiosas do povo de Deus. Aquele que sempre manteve uma relação pessoalíssima de íntima confiança com o Deus a quem tratava por “Abbà”, agora dirige-lhe uma pergunta gritada causada pelo enigma de se sentir abandonado por Ele. Existe, nos acontecimentos da última fase da vida de Jesus, algo que parece desmentir tudo aquilo que Jesus tinha vivido até então, toda a Sua Fé, todo o Seu Amor, toda a Sua Esperança. O terror, o medo, a desorientação, a sensação de distanciamento e tudo o que O imobiliza na proximidade da morte, a sensação de estranheza que O habita, a extrema solidão em que os Discípulos o deixaram, mas também em relação ao Deus

em que sempre contemplou o rosto paterno e amigo. Sobretudo, os adversários de Jesus parecem sintetizar a Sua vida com insultos que troçam sobre três aspectos da vida de Jesus: a *autoridade* que Jesus mostrou durante toda a Sua vida, a *Sua acção de salvação* (ajuda, cura, perdão) *nas relações com os outros* e, enfim, a Sua própria Fé, a sua relação pessoal com Deus.

“Tu que destróis o Templo e o reergues em três dias, salva-Te a Ti mesmo” (Mt 27,39). Com esta provocação os passantes escarnecem a autoridade de Jesus e, aproveitando a evidente debilidade actual do Crucificado, parecem anular e declarar também falsa a autoridade que Jesus havia mostrado, anteriormente. Na sua visão, a cruz desmente a autoridade que levou o Nazareno a criticar quem tornava o Templo um lugar de mercado e a expulsar os cambistas. A autoridade que emanava das palavras de Jesus: “Jesus ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas” ( Mc 1,21-22) e dos Seus gestos: “Com que autoridade fazes estas coisas? Quem Te deu esta autoridade? (Mt 23-24); (Mc 11,28), aparece agora como renegada pela situação de debilidade e impotência em que Jesus está mergulhado.

Mas, também a Sua boa relação com os outros, com aqueles que foi encontrando ao longo da Sua existência, é arrasada pela leitura que fazem os sacerdotes, os escribas e anciãos: “Salvou os outros e não pode salvar-Se a Si mesmo!” (Mt 27,42). O fim da vida de Jesus parece dar autoridade aos Seus adversários, para desqualificar todo o bem que Jesus fez no passado, para O fazer entrar no esquecimento.

Enfim, depois da Sua autoridade e da Sua relação com os outros, até a Sua Fé em Deus é posta em causa e discutida. “ Confiou em Deus: Ele que o liberte agora, se Lhe quer bem” (Mt 27,43). Ter tido confiança em Deus é-Lhe atirado à cara quase como uma culpa. Este é o acto mais radical, destruidor e demolidor da vida de Jesus, e sobretudo, impúdico, porque se permite julgar a intimidade e a inefabilidade da Sua relação com o Pai. Na Cruz, Jesus proclama o Salmo 22: “Meu Deus, Meu Deus, por que Me abandonáste?” As palavras de Heinrich Schlier que comentam o grito de abandono atingem um tom de rara intensidade espiritual:

“A quem poderia ainda dirigir-Se Jesus, abandonado e rejeitado, O Jesus atormentado e escarnecido? A quem se não a Deus ao Qual sempre se dirigiam os justos revoltados e à vontade do Qual se tinha entregue no Getsemani? Mas, agora, Já nem Deus está com Ele! Agora, também Ele O tinha abandonado. Jesus terá de sofrer ainda isto, que Deus Se esconda e espalhe à sua volta o *tenebroso vazio do ninguém e do nada*. Agora, Ele atinge o mais profundo de Si e bebe até ao fim o cálice da Paixão. Também Deus O abandona. Ele sofre, da nossa parte, o abandono total. “Meu Deus, Meu Deus, por que Me abandonáste?”. Mas, é neste momento, no momento em que Deus lhe dá a provar isto: o estar sem Deus, ter de partir sem Deus e a morrer, que se une a Ele. Reza o Salmo dos santos da Antiga Aliança e não clama no vazio, mas a Ele! Ele dirige-se, sem Deus, a Deus!”<sup>3</sup>.

É sempre do Salmo 22 que o evangelista Mateus extrai as palavras que exprimem a troça sobre a confiança de Jesus em Deus. “Confiou em Deus, Ele que O liberte, agora, se O ama” (Mt 27,43). No Sl 22,9 o justo é , assim, referido pelos Seus adversários: “ Peça ao Senhor; Ele que O liberte, que o salve, se é verdade que O ama”. A observação particular constituída pela fase final da existência de Jesus aparece uma vez mais como uma oportunidade de ler como se fosse uma falsidade toda a Sua vida anterior, até, mesmo, a Sua Fé. E, assim, uma vida inteira gasta na doação de Si aos homens e na fidelidade obediente ao Pai, em dar a vida e fazer justiça, no amar e bendizer, fica soterrada sob o peso da infâmia que Jesus vive e sofre nos Seus últimos momentos. Aquele que viveu a curar e a bendizer, encontra-se, agora, mergulhado na maldição e na impotência.

Como vive Jesus esta crise espiritual extrema? Se se retoma a hipótese de que as palavras do salmo 22,2 ditas por Jesus na Cruz funcionam como *incipit* que pretende referir-se ao salmo inteiro<sup>4</sup>, é sugestivo notar que, rezando a primeira parte do salmo, a dos sinais da morte e da angústia (Sl 22,2-22), Jesus é levado a fazer memória do Seu nascimento (memória orante, memória na Fé, não psicológica,

---

<sup>3</sup> H. Schlier, na tradução italiana, *La Passione Secondo Marco*, Jaca Book, Milano 1979, pp. 97-98.

<sup>4</sup> Cf. E. Fromm, na tradução italiana, *Voi sarete come dei. Un'Interpretazione Radicale Del Vecchio Testamento E Della Sua Tradizione*, Ubaldini, Roma 1970, pp. 155-158.

como do acto que enaltece a Sua confiança em Deus). No Salmo 22, 10-11 (imediatamente a seguir ao v.9 citado por Mateus em 27,43) O Orante, quase respondendo às injúrias de quem lhe grita:” Confiou no Senhor? Ele que O liberte , agora! Que O retire dali, já que Lhe quer bem!” (Sl 22,9), diz palavras que soam como uma confissão de Fé: ”Sim, Sei que Me tiraste do ventre e, no peito de minha mãe Me ensinaste a confiar, desde o útero tenho estado ligado a Ti, desde o ventre da Minha mãe Tu és o Meu Deus” (Sl 22,10-11). Na obscuridade da morte entra a luz do nascimento, na angústia mais dura se faz caminho, confiança e louvor. O “Meu Deus” (‘e/í) ao qual se ligou, nascendo. Enquanto constata o actual abandono de Deus, a oração condu-lo à experiência antiga e fundadora da confiança, apreendida no seio materno, no Deus *abbà*, “papá”. A Sua oração pessoal (a Sua personalização da oração de Israel) condu-lo, no momento crucial da morte, a ver toda a Sua existência como um todo ( como, habitualmente, se diz que, no momento da morte, a vida desliza perante nós como um filme), desde o nascimento, desde a experiência primordial da maternidade e, na confirmação de hoje da Sua confiança, fazendo da experiência do Seu passado um tesouro (Sl 22,10-11), tal como da do Seu Povo (Sl 22,4-6). E naquele ponto a evocação ao Pai, ao *Abbà*, transforma-se – como acontece no salmo --, não tanto numa memória do passado e das origens, mas num anúncio de futuro e realização, em abertura de horizontes e invocação, tensão para a realização, olhar confiante para o futuro e espera daquilo que irá nascer (Sl 22,23-32). A oração é o lugar onde Jesus manifesta e alimenta, exprime e corrobora a Sua confiança em Deus. Onde reúne e resolve as Suas tensões interiores e emotivas.

### **Jesus e os objectos da vida quotidiana**

A nossa vida desenrola-se, quotidianamente, entre objectos que são, de tal modo vulgares e de cuja presença nem nos apercebemos, em cujo sentido não reflectimos, já não estando gratos pela sua preciosidade, dando-os por adquiridos ou então, acabando por nos deixar dominar por eles: se pensamos nos objectos tecnológicos, que são, também, meios de comunicação e que, certamente, podem

estar ao serviço das relações, mas podem, também, tornar-se fonte de alienação. Por trás de cada objecto está o engenho humano que o inventou, está uma necessidade que estimulou a imaginação, a criatividade e a inteligência do homem que cogitou modos mais funcionais, seguros, cómodos, para cumprir uma determinada função ou resolver um determinado problema, quer se trate de uma posição à mesa ou de uma janela que, embora aparentemente íntegra, se abre espontaneamente para o exterior ou tampas de esgoto que saltam devido ao excesso de água corrente na rua. Todos os objectos da história falam da invenção humana e parar para reflectir ajuda a compreender, a partir do interior, partindo da necessidade a que já demos resposta, e de que, de outra maneira seriam objectos dos quais nos arriscaríamos a ser meros desfrutadores, sem, sequer, termos a capacidade da gratidão. Um objecto não é, apenas, uma coisa ou, melhor, por trás de cada objecto, está um homem, está uma necessidade humana, está a história do espírito humano. Ora, Jesus viveu, também, no meio das pequenas coisas. Nos Evangelhos vemos, aqui e ali, referências a objectos de uso quotidiano que, nas palavras de Jesus, se tornam símbolo do outro ou do *mais além*, revelando, mais uma vez, o trabalho de reinterpretação das vivências que está na origem da vida interior. Quero dar-vos um pequeno conjunto de textos orientadores, uma pista a seguir na leitura dos Evangelhos e vos falam do modo de raciocinar, pensar e sentir de Jesus, que é sempre simbólico, capaz de encontrar nexos entre as coisas, de dar sentido àquilo que, aparentemente, não o tem, enfim, de nos revelar o modo de Ele ver a realidade, com um olhar penetrante, que não fica pelas aparências.

#### *A lâmpada:*

Em Lc 11, 33-36 fala-se de uma lâmpada que não é posta sob o alqueire ou debaixo da cama (Mc 4,21). A luz deve iluminar quem entra em casa. Mas, da luz da lâmpada, passa-se à luz do olho, ao olho que vê a luz, mas que é, também, difusor de luz: “Quando o teu olho é simples, também todo o teu corpo é luminoso; mas se é malvado, também o teu corpo está na escuridão” (Lc 11,34). Da fonte artificial de luz Jesus leva ao humano, o olho que é a janela da alma, que pode iluminar. A



lâmpada tem algo para te dizer, à tua humanidade. Sabes dar e expandir a luz ou és sombra e difundes a escuridão?

### *Copos, pratos e outras loiças*

. “O Senhor disse: “Vós, fariseus, purificais copos e pratos por fora, mas o vosso interior está cheio de cobiça e iniquidade” (Lc 11,39); “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas que limpais por fora os copos e os pratos enquanto, por dentro, estão cheios de sujidade (Mt 23,25). A lavagem dos copos torna-se uma metáfora que se refere àquilo que é central ou seja, o interior. A referência original é às taças que continham o vinho oferecido em oblação, e, portanto, santo, com cujo contacto, mesmo com uma gota, apenas, caída da taça, tornava, ritualmente, impuro. O discurso é análogo ao de Mt 15,10-20:

«Reunida a multidão, Jesus disse: “Ouvi e entendei! Não é aquilo que é impuro que torna o homem impuro, mas aquilo que lhe sai da boca, isso é que torna impuro o homem». Então, aproximando-se d’Ele os Seus discípulos, disseram-lhe: «Sabes que os fariseus, ouvindo estas palavras se escandalizaram?». Jesus respondeu: «Toda a planta que Meu Pai celestial não plantou, será arrancada pela raiz. Deixai-os, são cegos e guias de cegos; e se um cego guia outro cego, ambos caem na cova». Pedro, tomando a palavra, disse-lhe: «Explica-nos essa parábola». Jesus respondeu: «Também vós tendes tão pouca compreensão? Não compreendeis que tudo o que entra pela boca passa pelo ventre e acaba no esgoto? Mas as coisas que saem da boca vêm do coração, e são estas que mancham o homem, porque do coração saem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as prostituições, os furtos, os falsos testemunhos, as injúrias. Estas são as coisas que mancham o homem. Porém, comer sem antes ter lavado as mãos, não torna o homem impuro».

Assim, encontramos um dos eixos do pensamento e do sentir de Jesus, o primado da interioridade: o facto de que não é o exterior que nos contamina, mas o interior, onde nascem os pensamentos. Em suma, trata-se de lavar o interior, o coração, mais do que fazer ablusões dos objectos e lavar as mãos antes de comer.

«Tendo visto que alguns dos Seus discípulos pegavam nos alimentos com as mãos imundas isto é, não lavadas (de facto, os fariseus e todos os Judeus não comiam sem ter previamente lavado as mãos até aos cotovelos e, segundo a tradição dos antigos, não comiam sem fazer as ablusões depois do regresso do mercado, e cumpriam muitos outros preceitos por tradição, como lavar os copos e a louça) aqueles fariseus e escribas interrogaram-No: “Porque é que os Teus discípulos não se comportam segundo a tradição dos antigos, mas comem com as mãos imundas?» (Mc 7,2-5).

#### *Fatos, tecidos e costuras.*

«Ninguém põe um remendo num vestido velho; por outro lado, pôr remendos velhos em tecido novo produz um efeito ainda pior» (Mc 2,21). Na transposição que Jesus faz, a observação do quotidiano significa a novidade que Jesus é e que excede todos os compartimentos tradicionais: a novidade evangélica é incompatível com as antigas práticas ascéticas. Análogo sentido tem a referência aos *odres velhos* que não podem ser cheios com *vinho novo*, que fermenta e pode rebentá-los: «não se põe o vinho novo em odres velhos porque estes podem rebentar e o vinho se derrama perdendo-se com ele os odres. Mas deita-se o vinho novo em odres novos, conservando-se, assim, as duas coisas» (Mt 9,17).

O trabalho de costura é, também, recordado na referência à agulha no dito proverbial do camelo usado como paradoxo para indicar a dificuldade que têm os ricos para aceder à verdade evangélica como palavra de salvação: «É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no Reino de Deus» (Mc 10,25).

*O vaso de alabastro precioso e os perfumes.*

O frasco de perfumes torna-se o símbolo de um gesto de gratuidade e de amor.

«Uma mulher, uma pecadora daquela cidade, sabendo que se encontrava na casa do fariseu, veio com um frasquinho de óleo perfumado, lançou-se aos Seus pés, chorando, e começou a banhá-los, enxugando-os, depois, com os seus próprios cabelos, beijava-os e aspergia-os de óleo perfumado» (Lc 7,37-38; cf. Mc 14,3; Mt 26,7).

O frasco de óleos perfumados que a mulher usava nos encontros com os seus clientes torna-se sinal de um amor gratuito que Jesus sabe acolher na sua preciosidade e leva-o a proclamar o grande amor da mulher: «São-lhe perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou» (Lc 7,47).

Jesus usa uma bacia para lavar os pés aos discípulos e, também, este objecto tão quotidiano se torna sinal do dom da Sua vida, do Seu servir os Seus discípulos até ao fim e do serviço que os cristãos devem fazer uns aos outros. «Jesus verteu água na bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha que tinha à cintura... «Se Eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros» (Jo 13,5.14).

Os *jarros de terracotta* destinados aos ritos de purificação no episódio das Bodas de Canaa ganham, com Jesus, novo significado com o acto de transmutar a água em vinho: alusão, esta, à novidade evangélica, como realização gloriosa de uma história que o havia precedido (Jo 2,6-10).

*A moeda e os impostos:* como Jesus paga o imposto para o Templo («Aqueles que recebiam o imposto aproximaram-se de Pedro e perguntaram “o vosso mestre não paga o imposto?”; resposta: “Sim” “Mt 17,24-25»), reconhece, assim, a moeda com que pagar o tributo a Cesar, uma moeda que Jesus não tem pejo em manusear, assim como reconhece a legitimidade do pagamento do tributo. Nesta moeda havia uma inscrição: *Tiberius Caesar Divi Augusti Filius Augustus*

*Ponifex Maximus.* Se a divinização do imperador se pode considerar idolatria, Jesus, no entanto, não exprime uma posição ofensiva, rigorista, anti-romana com finalidade rebelde, mas admite o pagamento para reforçar que a Deus se dê o que é de Deus (Mt 22, 15-22).

*A lenha verde e a lenha seca:* a observação de como era difícil e quase impossível fazer arder a lenha verde, contrariamente à lenha seca, que arde rápida e facilmente, torna-se uma imagem adequada para indicar que aquilo que Lhe está reservado, a Jesus, lenha verde isto é, morte de cruz. Isto deveria dar que pensar aos verdadeiros culpados isto é, a lenha seca. «Por isso, derramai as lágrimas sobre vós mesmas, não sobre Mim» diz Jesus às mulheres que procediam ao choro ritual pelo condenado à morte e faziam o luto por Aquele que estava a subir ao Calvário. De facto, «se assim é tratado o lenho verde, o que acontecerá ao lenho seco?» (23,31).

*Túmulo e sepulcros:* do quotidiano fazem, também, parte os cemitérios. As imagens das tumbas tornam-se para Jesus ocasião para um acto de fúria profética contra quem erige sepulcros majestosos e mausoléus aos profetas, depois de os terem hostilizado em vida ou os terem assassinado. Diz Jesus, no Primeiro Evangelho: «Ai de vós, escribas e fariseus, que construis os sepulcros e adornais as tumbas dos justos e dizeis:” Se tivéssemos vivido no tempo dos nossos pais, não nos teríamos associado a eles para verter o sangue dos profetas”; e, assim, testemunhais contra vós próprios, por serem filhos dos assassinos dos profetas....Enfim, à medida dos vossos pais!» (Mt 23, 29-32).

*As informações quotidianas:* Jesus está ao corrente de notícias como as a seguir relatadas, pelas quais percebemos a Sua inserção na Sua sociedade, mas também a Sua capacidade de reelaborar as notícias e de lhes colher o valor espiritual e revelador.

«Naquele tempo dirigiram-se alguns a Jesus referindo o facto de que Pilatos misturara o sangue de certos galileus com os dos sacrifícios deles. Tomando a

palavra, Jesus respondeu-lhes: “Julgais que aqueles galileus eram maiores pecadores do que os outros galileus, por terem sofrido tal sorte? Não. Eu vo-lo digo, se não vos converteis, morrereis todos do mesmo modo. Assim como, também, aqueles dezoito homens sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou; julgais que eles, também, foram mais culpados do que todos os outros habitantes de Jerusalém? Não, Eu vo-lo digo; mas, se não vos converteis, morrereis todos do mesmo modo”» (Lc 13,1-5).

Num contexto cultural e religioso no qual as desgraças, as catástrofes e, também, as doenças eram «postas em relação» com pecados do homem, as palavras de Jesus mostram liberdade, audácia, não-conformismo e contribuem para ter em conta factos acontecidos com outros dos quais pretende extrair significado e estabelecer relação.

Trata-se, apenas, de uma dezena de referências. A lista é longa e podereis continuá-la vós. O quotidiano é tratado, simbolicamente, por Jesus. Ele une o quotidiano e o teológico, vê na realidade de cada dia a referência à acção de Deus no agora, a alusão ao Seu ministério e ao Seu anúncio; do quotidiano chega-Lhe uma linguagem na qual Ele se insere criativamente e com imaginação.

## **Jesus, o homem que caminha**

### ***A experiência do caminhar***

Se é verdade, como afirma o antropólogo Leroi-Gouran, que a espécie «se inicia com os pés», o caminhar, do qual estamos cada vez mais afastados pela invasão do automóvel e outros meios de transporte, é uma experiência primordial e fundamental do ser humano. Caminhar é, talvez, o gesto mais comum e, portanto, o mais humano. O homem é o ser que se desloca, que se adapta, que procura lugares onde viver, instalar-se por curtos ou longos períodos. E fê-lo durante milénios, deslocando-se a pé, com os pés em contacto directo com o solo. Ora, a experiência de caminhar, de viajar a pé, está a suscitar um renovado interesse, nomeadamente com a difusão das peregrinações: pensa-se no Caminho de

Compostela, da Via Franciscana mas, também, em muitos itinerários de tempos imemoráveis, tanto do ponto de vista histórico como do da orientação religiosa. É uma necessidade do homem ocidental contemporâneo: na época da velocidade e da pressa, sente-se a nostalgia da lentidão, do gozo do tempo; na época em que os automóveis se interpõem entre o corpo humano e o mundo, constituindo um obstáculo à experiência que o homem pode fazer do próprio mundo, renasce a necessidade de sentir o corpo em contacto com a terra, as paisagens, as estradas, num modo que ainda permita apreciar a paisagem. Seguramente, nunca como na sociedade contemporânea ocidental, se fez tão escasso uso da mobilidade e da resistência física individual e se renunciou tanto às potencialidades do próprio corpo. Caminhar é entrar numa relação nova (na verdade, antiquíssima) com o espaço, mas, também, com o tempo. É, portanto, uma experiência antropológica completa. Todos os sentidos estão envolvidos. A visão, o tacto, a audição, o olfacto (durante a floração das tílias ou de outras árvores, a experiência olfactiva pode ser, até, estonteante), mas, também, o gosto. Uma longa caminhada a pé leva-nos a degustar os frutos vermelhos dos bosques que encontramos, ou um pêsego colhido da árvore, ou figos, ou nozes, ou avelãs, ou mirtilos, ou amoras, cada fruto na estação própria... Ora, o que significa caminhar? Caminhar significa abrir-se ao mundo. O acto de caminhar permite ao homem a consciência feliz da sua própria existência, mergulha-o numa forma activa de meditação que solicita a plena participação de todos os sentidos. Todos os músculos do corpo estão envolvidos, mas, também, o espírito, a reflexão, o pensamento, a vida interior. Jean-Jacques Rousseau escreveu; «Não consigo meditar senão caminhando. Assim que paro, deixo de pensar e a cabeça pára, em sincronia com os pés». É uma experiência que nos torna mais aptos a gozar o tempo e a não nos submetermos à pressa que governa a vida quotidiana de hoje. Caminhar é viver através do corpo, por curtos ou longos períodos. Encontrar alívio pelas estradas, pelos caminhos, nos bosques, permite retomar o fôlego, apurar os sentidos, reavivar a curiosidade. Muitas vezes, caminhar é um modo de retomar o contacto connosco próprios. Caminhar é um modo tranquilo de reinventar o tempo e o espaço. O viajante agarra o tempo, não se deixa dominar pelo tempo. O viajante é rico em tempo, ele nada no tempo porque

este é o seu elemento. Quem caminha reinventa o espaço e o tempo: descobre e vê, como jamais tinha visto, a paisagem que antes percorria de automóvel e descobre, não tanto que tem tempo, porque o tempo não tolera ser objecto de posse, mas faz uma experiência do tempo qualitativamente diferente da que faz no quotidiano. Régis Debray, falando da cultura dos passos, afirma: «O caminhar apazigua os tormentos do efémero. No momento em que se põe a mochila às costas e os sapatos se apoiam nas pedras do caminho, a mente esquece as notícias recentes. Quando percorro a pé trinta quilómetros por dia, calculo em anos o meu tempo; de avião percorro três mil e calculo em horas a minha vida». O silêncio é a fonte onde bebe o caminhante solitário. A viagem a pé, como fazia Jesus de Nazaré, nas estradas da Galileia, é um caminho onde se encontram pessoas e situações, mas é, também, um percurso através do silêncio. O silêncio oferece-nos a ausência de ruído, como um horizonte ainda poupado pela técnica, uma zona franca que a modernidade não engoliu. O único silêncio que as nossas sociedades conhecem é o da avaria, dos problemas com o automóvel, todos provisórios, dos problemas com a transmissão, de ficar sem gasolina. É uma pausa da técnica, mais do que o emergir de uma interioridade. Para quem caminha, a consciência da própria vulnerabilidade é um incentivo à prudência e à disponibilidade para os outros e não à avidez e ao desprezo. Uma coisa é certa: quem anda a pé raramente mostra arrogância, porque está sempre à altura dos homens e sente, a cada passo, a rudeza do mundo e a necessidade de se relacionar amigavelmente com as pessoas que encontra pelo caminho. A viagem a pé, experiência elementar, humana e espiritual, do caminhar, ensina-nos que a viagem da vida se realiza com humildade e doçura. Quando caminhais a pé e encontrais outras pessoas que fazem o mesmo, é muito espontaneamente que saudais e trocáis palavras de cortesia, de gentileza, ainda que se trate de pessoas desconhecidas que não tornareis a ver. O antropólogo David Le Breton, grande caminhante, escreveu: «Caminhar é um método para descermos ao mundo, para nos compenetrarmos da natureza, para nos pormos em contacto com um universo que é inacessível às modalidades habituais de consciência e percepção». O caminhar, sobretudo feito a sós, constitui, também, uma experiência de liberdade invulgar. És livre de parar ou prosseguir, de

andar para a direita ou para a esquerda. É então que o silêncio é apreciado em plenitude e o silêncio limpa a pessoa, recentra-a no essencial, põe ordem no caos em que, normalmente, se debate. E concluamos esta parte, ainda com palavras de David Le Breton: «Caminhar é um acto que desnuda e recorda ao homem a humildade e a beleza da sua condição. Hoje, o peregrino está animado por uma espiritualidade pessoal; o seu andar proporciona recolhimento, humildade, paciência, é uma forma deambulatória de oração, oferecida, incondicionalmente, ao *genius loci*, à imensidão do mundo circundante».

### ***Jesus, o homem que caminha***

*O homem que caminha* é o título de um livrinho brilhante, apesar da sua pequenez, de Christian Bobin, publicado pelas nossas edições, no qual, sem nunca O identificar pelo nome, o autor fala de Jesus mas, precisamente por não O identificar pelo nome, mas sim por um gesto, por uma acção tão comum como caminhar. Transcrevo algumas passagens:

«Caminha. Caminha sem parar. Vai aqui e, depois, ali. Percorre a vida numa área de sessenta quilómetros de comprimento por trinta de largura. E caminha. Sem parar. Dir-se-ia que o repouso lhe é negado...vai de cabeça descoberta. A morte, o vento, a ofensa: tudo recebe no rosto, sem nunca atrasar o passo. Dir-se-ia que aquilo que o atormenta não é nada comparado com aquilo que o espera. Que a morte não é mais do que areia a fustigar. Que viver é como o seu caminho: sem fim...vai direito à porta do homem. Espera que esta porta se abra. A porta do homem é o



rosto... Aquilo que diz é ilustrado por verbos pobres: tomai, escutai, vinde, parti, recebei, andai. Não pronuncia aquelas palavras meio-veladas, meio-ditas, cuja obscuridade permite aos poderosos consolidar o seu poder. Não fala para atrair a si uma migalha de amor. Aquilo que quer, não o quer para si. Aquilo que quer é que nós nos amparemos na vida em comum. Não diz: amai-me. Diz: amai-vos. Um abismo entre estas duas expressões»<sup>5</sup>

Infinitas vezes, nos Evangelhos, fala-se do caminhar de Jesus, do Seu partir, entrar, sair, atravessar, subir, vir, ir, dirigir-Se. Exceptuando aquela entrada em Jerusalém em que montava um jumento, Jesus desloca-se sempre a pé, caminha. O seu caminhar é, normalmente, na companhia dos discípulos: Jesus precede, Ele é o Mestre, os discípulos seguem-No. O percurso pelos caminhos da Galileia, nos quais os discípulos O seguem, torna-se o modelo de relação do crente com Ele, na história. Também nós, hoje, dizemos que queremos seguir Jesus, que estamos no Seu rasto, ainda que já não vivamos a experiência básica de andar atrás d'Ele, que caminha à frente. O Seu caminhar é revelador do agir de Deus (o caminho de Jesus é a via do Senhor, diz Mc 1,2-3) e simbólico do nosso caminhar: o Seu caminho é a Sua vida, desenhado «para que nós Lhe sigamos o rasto», como é dito em 1Pe 2,21. O Seu caminhar é, assim, orientação, indica-nos a vida, torna-se um sinal de trânsito para quem corre o risco de se perder. Ele age como o pastor que, com a sua presença, a sua voz, os seus sinais, dá às ovelhas que guia o caminho, elas que são animais sem sentido de orientação. O pastor «caminha à frente das suas ovelhas e elas seguem-no porque conhecem a sua voz» (Jo 10,4). A comunidade dos discípulos é construída, portanto, num caminho que alterna as paragens e estadias numa casa com os lugares isolados. Mas o Seu caminhar tem momentos decisivos, não só geograficamente, mas existencialmente. Lc 9,51 é um destes momentos, talvez o mais decisivo, aquele, no qual o caminhar de Jesus, tomando uma direcção precisa, para Jerusalém, revela a viragem que toda a vida de Jesus está a ter. Lucas sublinha que foi um momento de extrema determinação: « (Jesus)

---

<sup>5</sup> Ch. Bobin, na versão italiana, *L'Uomo Che Cammina*, Qiqajon, Bose 1998, pp. 9.11.13.16-17.

toma a firme decisão de se pôr a caminho de Jerusalém» (Lc 9,51). Aqui, o Seu caminhar fala-nos da Sua vontade, revela-nos o Seu coração a quem os pés obedecem. Jesus toma uma decisão corajosa, desafiando os perigos que vai afrontar e dos quais está consciente. A expressão grega subjacente diz que Jesus *endureceu o Seu rosto* para se dirigir a Jerusalém (em latim: *ipse faciem suam firmavit ut iret Ierusalem*) e mostra, com a contracção dos músculos faciais, a decisão do fundo do Seu coração de ir até ao fim de um caminho que augura hostilidade e oposição até à morte. Profunda e veterotestamentária, esta expressão tem, pelo menos, três mensagens. Antes de mais, há uma expressão idiomática hebraica que indica o «dirigir-se para», o «tomar uma direcção precisa no caminho» (Gen 31,21; Jr 42, 15.17): o homem resolutivo tem um destino fixo, sabe aonde vai, tem uma meta a atingir e um fim que persegue e, com este objectivo, reúne e mobiliza as suas energias. A pessoa resolutiva dirige a sua vontade para o fim que pretende alcançar. O irresolutivo, pelo contrário, não tem uma direcção a seguir, falta-lhe uma bússola interior e, facilmente, se perde ao longo do caminho ou não persevera nele. A coragem de hoje é o sustento da meta a atingir amanhã: «É necessário que hoje, amanhã e no dia a seguir eu prossiga o caminho, porque não é possível que um profeta morra fora de Jerusalém» (Lc 13,33). Portanto, há uma experiência do Servo do Senhor que «torna o Seu rosto duro como pedra» (Is 50,7) para resistir às violências e às ofensas e proteger a confiança que tem no Senhor: ser resolutivo permite ao Servo proteger a fé, não ficar confuso, não desaparecer, permanecer firme, mesmo no momento de se desencadear a violência contra Ele. Permite-lhe não ceder, sequer, face às pancadas e às violências. O Servo habita o núcleo interior da própria verdade e da crença, que não é abalado nem abatido pelas próprias pancadas físicas. A paixão que move Jesus confere-lhe a coragem para aquilo que deve e quer fazer. A coragem é alimentada pela convicção profunda que anima Jesus. Enfim, está presente a experiência do profeta que «*volta a cara para*» e profetiza *contra* determinadas pessoas e realidades (Ez 6,2; 13,17; 15,7): que a resolução é necessária para enfrentar uma situação conflituosa e é o que torna possível levar a termo a missão profética que implica embates e hostilidade. A coragem é cultivada como uma capacidade para resistir a pessoas e situações que

se interpõem no caminho e se Lhe opõem. Este texto que fala da direcção que Jesus imprime ao Seu caminhar, fala, na realidade, da resolução de Jesus, mostrando a Sua coragem, sendo evidenciados três aspectos. A coragem é mantida pelo próprio objectivo que quer atingir, é atraída pelo futuro, é, portanto, inerente à esperança. A coragem alimenta-se de fé, de convicção interior, de paixão. Habita, portanto, naquela fortaleza que existe no interior humano que é a consciência. Enfim, a coragem não se dobra perante as adversidades externas e os opositores, é uma força que se dispõe a enfrentar, também, sofrimento físico e maus-tratos. Ela protege um núcleo precioso do *eu* que lhes faz frente. Se o caminhar de Jesus é, habitualmente, um con-caminhar (por vezes, usamos a expressão «Jesus fazia caminho com eles»: Lc 7,6), um preceder outros, outras vezes leva Jesus a escolher a solidão, a dirigir-se para lugares desertos e ermos, para rezar, para se distanciar das multidões. Jesus «saiu e foi para um lugar solitário e lá rezava» (Mc 1,35); «Jesus retirava-se para a montanha para rezar» (Mc 6,46). Mas o Seu caminhar é, também, expressão da sua solicitude para com as pessoas: como o pastor que perdeu uma ovelha e deixa as outras para procurar aquela que se tresmalhou, assim «o Filho do homem veio procurar aquilo que estava perdido» (Lc 19,10). O caminhar de Jesus torna-se a marca que sintetiza a Sua vida de revelação de Deus e de instrução dos discípulos e que revela o Seu coração, quem Ele é. A Sua vida. E o caminhar físico remete para a Sua dimensão ética: nós devemos caminhar como Ele, Jesus, caminhou.

### **Jesus e a Sua autoconfiança**

O sentido em que uso esta expressão – autoconfiança – indica a liberdade e a convicção que animam Jesus e o levam a ter a força interior e a audácia que se manifestam em anticonformismo, capacidade de independência em relação aos costumes, não seguimento dos hábitos e dos caminhos já andados, em absoluta oposição a comportamentos de adulação, mas na invenção de palavras e gestos de densidade e significado únicos. Bem balizado no seio da tradição hebraica, Jesus

ousa palavras e gestos inéditos que deixam estupefactos os Seus interlocutores, mas abrem, também originais horizontes de sentido de vida, sobretudo para os pecadores, os pobres, os simples que Ele encontra.

No episódio da mulher apanhada em flagrante adultério (Jo 8,1-11), Jesus tem perante Si um grupo de escribas, doutores da Lei e devotos fariseus, pessoas religiosas e zeladoras das coisas de Deus. Mas que, como sempre acontece no agir diabólico, separam, dividem, distinguem o divino do humano. Eles apresentam-Lhe uma mulher apanhada em adultério (esquecendo, no entanto, o homem que, com ela, tinha cometido adultério: cf. Dt 22,22) e dizem-Lhe: «Moisés, na Lei, mandou-nos lapidar mulheres como esta. O que dizes?» (Jo 8,5). Jesus reage inclinando-Se e escrevendo na terra. Jesus exprime o Seu desacordo com os métodos deles, as palavras e gestos deles. Mas fá-lo de modo a passar-lhes uma mensagem, não os condenando, mas dirigindo-lhes um apelo. Jesus põe em acção uma estratégia de distância: eles estão em pé, Ele afasta-os inclinando-Se, acorando-Se sobre os calcanhares; eles falam, Ele afasta-os calando-Se; eles citam a Lei, Ele afasta-os, escrevendo na terra. Jesus ouve as suas palavras, mas também vê os seus gestos: eles põem, podemos imaginar com que gentileza, a mulher no centro, dizem, publicamente, o seu pecado, envergonham-na, despem-na não fisicamente, mas na alma. Violentam-na com palavras e gestos, sem se darem ao esforço da violência física. E Jesus distancia-se deles com um gesto que diz da Sua capacidade de independência e serena solidão, mesmo no meio de uma multidão gritante e agressiva. Inclinando-Se, Jesus subtrai-Se ao cara a cara e obriga-os a olhá-Lo de cima para baixo. Assim, torna-Se próximo da mulher, que está no centro, agredida e ameaçada pelo cerco que se aperta à sua volta. Ela no meio (duas vezes no texto: vv. 3.10), Ele inclinado para o chão (duas vezes no texto: vv. 6.8). Perante a solidão abissal da mulher processada e julgada sumariamente, Jesus, mostrando extrema confiança em Si, torna-se conscientemente próximo da sua solidão habitada, escolhida, e, assim, começa a infundir-lhe confiança: não a deixa abandonada a si mesma. A postura assumida por Jesus põe-no em poder daquele grupo de homens, tal como tinha acontecido à mulher. O gesto de Jesus é um gesto de uma imensa humanidade, que refuta o acto de envergonhar uma pessoa, de matá-la

envergonhando-a. A autoconfiança de Jesus revela-se no facto de que Ele não tem medo do grupo numeroso, da multidão de peritos, do «bando religioso» dos escribas e fariseus, não se deixa intimidar pela competência religiosa deles, pela sua sabedoria acerca de Deus, Moisés, a Lei. E ousa, com extrema confiança, dizer uma palavra corajosa, inédita, *nova*, uma palavra que assume a humanidade da acusada, mas também dos acusadores e, obviamente revela-a. «Quem estiver sem pecado, atire a primeira pedra contra ela» (Jo 8,7). Depois de ter feito um gesto de reacção e em relação às palavras que eles tinham pronunciado e das palavras acerca de Moisés e da Torah (o gesto de Se inclinar e escrever no chão), Jesus diz, então, palavras acerca do gesto que eles pretendiam efectuar isto é, lapidar a mulher (« Quem não tiver pecado, atire a primeira pedra contra ela»). Jesus introduz um critério de humanidade e mostra como é um critério nunca imaginado pelos religiosos, que deixam sequestrar a humanidade deles e dos outros pelo zelo religioso. Este critério de simples humanidade é completamente estranho à mentalidade religiosa. Jesus não usa a Escritura para acusar, para ir à procura do mal alheio e julgá-lo, para condenar, para emitir sentenças sobre o comportamento alheio. Pelo contrário, o comportamento religioso é capaz de separar a consciência da pessoa da sua própria humanidade e da empatia com a humanidade do outro. Mas será, ainda, um ser humano, para estes zeladores religiosos, a mulher que puseram no meio deles? É que, a eles, ela não importa nada; usam-na, somente, para pôr Jesus à prova (cf. Jo 8,6)? Eis a perversão, mas também o fascínio que o religioso possui. É o fascínio de não se submeter ao humano, de ser mais forte e poderoso do que o humano que está neles e que está no outro em nome de Deus, do sagrado, em nome de uma coisa mais alta e profunda a quem devem oferecer um sacrifício. O comportamento religioso nunca saiu nem nunca sairá da lógica sacrificial, ainda que já não concretize sacrifícios animais ou vegetais. No fundo, também aqui, no nosso texto, estamos no templo, o lugar onde se ofereciam sacrifícios a Deus. O comportamento religioso leva o homem a sacrificar a própria humanidade e a alheia em nome de algo de mais alto a que não é possível subtrair-se: «A Lei exige-o, foi Moisés a ordená-lo» (cf, Jo 8,5). Surge o mecanismo da

desresponsabilização: Moisés disse, a Lei ordena. A religião é religião da obrigação, da cisão do próprio pensamento, a própria razão e sentir da obediência.

Pronunciando as palavras «Quem não tem pecado, que atire a primeira pedra», Jesus assume o risco: e se alguém atira, mesmo, a pedra? E se alguém pensa, mesmo, não ter pecado? A palavra que Jesus inventa é sinal da Sua humanidade, da Sua inteligência, da Sua compaixão, do Seu olhar para as pessoas vendo-as humanas, irmãos e irmãs, não pecadores. E é palavra que tem, também, na mira os acusadores, remetendo-os para a sua própria consciência. Como Jesus se recusa a condenar a mulher, também se recusa a condenar os próprios acusadores, mas remete-os para a sua verdade e convida-os a serem autênticos, a não mentir, a serem honestos consigo mesmos. *Jesus deposita confiança neles, também.* Portanto, inclina-Se de novo e escreve ainda no chão, perante o grupo dos acusadores, para completar o gesto que deve ser eloquente para eles e que remete para a dupla subida e descida de Moisés ao Monte Sinai, para receber a Lei escrita por Deus (cf. Es 32-34)<sup>6</sup>. Depois, quando todos se vão embora, Jesus levanta-se e mostra, de novo, a Sua humanidade. Não reivindica o sucesso da Sua empresa, Não acentua que foi mérito Seu o facto de não ter sido condenada, não pede agradecimentos à mulher, deixando-a com o mais subtil dos Seus recados, a eterna gratidão, não se vangloria nem, muito menos, se envaidece com o Seu comportamento perante os outros, parecendo, mesmo, aderir ao que os acusadores, ou melhor, os acusadores-pecadores fizeram, ou antes, *não fizeram*: «nenhum deles te condenou? Nem Eu te condeno». Nem Eu. Como eles. E, depois, a palavra que a liberta Dele próprio: «Vai». Retoma o teu caminho, retoma a tua vida, à qual te devolvo, permitindo que me esqueças e que não fiques presa a Mim, que te salvei a vida, mas recorda isto: «Não voltes a pecar». Dizendo-lhe para não voltar a pecar, pede à mulher que se ajude a si própria a viver humanamente, não *voltando a pecar*, não repetindo o que tinha feito e, pelo contrário, recomeçando a sua vida ( «de agora em diante»). A palavra humana de Jesus dá confiança e cria um futuro, confere a possibilidade de reiniciar após a queda. Nenhum passado ou pecado é suficientemente esmagador para impedir o homem de se reerguer e

---

<sup>6</sup> L.Manicardi, «Gesù scriveva per terra», in *Parola, Spirito e Vita* 43 (2001), pp.139-162.

recomeçar. O agir misericordioso de Jesus é, portanto, um agir humano, humaníssimo, por trás do qual está a humanidade de um homem, a Sua vida interior, o Seu conhecimento da Escritura, o Seu discernimento sobre a vontade de Deus para o homem, a Sua coragem frente aos homens que, pelas suas funções e cargos que ocupavam no espaço religioso, normalmente, incutiam medo e eram venerados como autoridades imprescindíveis. Havia, também, confiança na Sua palavra que confrontava, também, com os textos da Escritura, que ousa interpretar com espírito profundo. Havia o rigor e a justiça, a caridade e a compaixão integradas numa harmonia verdadeiramente admirável. Havia a não-condescendência por igual. Havia a autoconfiança de Jesus.

### **A resiliência na praxis de Jesus de Nazaré**

Nos actos de cura das pessoas doentes do corpo ou da mente, Jesus aparece como um «mestre de resiliência». O que é a resiliência? «A resiliência é a capacidade de uma pessoa ou grupo de progredir, continuar a projectar-se e projectar-se no futuro, na presença de acontecimentos adversos, de condições de vida difíceis, de traumas, por vezes, muito duros» (Michel Manciaux). Não se trata só de resistência à destruição, de sobrevivência, mas, também, da construção de uma vida e de um futuro.

Trata-se de uma dinâmica existencial que situações extremas, como a detenção num *lager*, fazem emergir. Primo Levi, em *Se Isto É Um Homem*, escreveu: «A faculdade humana de escavar um nicho, de criar uma carapaça, de se levantar, apoiando-se numa frágil muralha de defesa, mesmo em circunstâncias aparentemente desesperadas é impressionante, e mereceria um estudo aprofundado. Trata-se de uma valiosa atitude de adaptação, em parte passiva e inconsciente, em parte activa».

Os Evangelhos mostram que Jesus, na sua actividade curativa, faz sempre apelo aos recursos interiores da pessoa que tem à Sua frente, e a cura, quando acontece, acontece sempre num quadro colaborativo, sinérgico e dialógico no qual Jesus desperta e faz emergir as dinâmicas interiores vitais da pessoa e, sobretudo,

a sua Fé isto é, a sua capacidade de confiança, a sua vontade de vida e relação. A Fé, segundo a esplêndida expressão de Hb 11,34, é a capacidade de «encontrar força na própria fraqueza». É consequência pascal. A Fé é um dinamismo que põe em movimento esta dimensão antropológica da resiliência. O encontro com Jesus significou, para Maria Madalena, que tinha sido possuída por sete demónios (cf. Lc 8,2), uma radical reorientação de vida, valorizando as energias espirituais e morais nela latentes. Nos Seus encontros com doentes, Jesus procura uma aliança terapêutica com o doente para mobilizar as suas forças interiores, o seu desejo de vida, as suas faculdades humanas e posiciona-se, assim, como um extraordinário «mestre de resiliência», segundo a expressão hoje difundida nos estudos respeitantes a este fenómeno. Mestre de resiliência pode ser a pessoa que, com a simples prática cordial de humanidade, estimula na pessoa doente ou traumatizada uma assunção de autoestima, uma autoconfiança, uma capacidade de adaptação a situações em que se chegam a viver a menorização ou o handicap. O processo de resiliência torna-se mais difícil se a pessoa em sofrimento tem, ainda, de lutar contra os preconceitos que a sociedade, a cultura e a própria religião construíram, formulando sobre ela um juízo de condenação moral e praticando a exclusão social. Podemos pensar, aqui, que o método com o qual Jesus se aproxima e cura os leprosos, verdadeiros párias da sociedade contemporânea d'Ele, marcados a fogo por um estigma que os excluía da família e das relações afectivas e sexuais, da sociedade e da vida social, da comunidade religiosa e da prática do culto.

Nas relações com os leprosos, Jesus adopta uma atitude *sociável* que o leva ao encontro de quem tinha sido excluído dos centros populacionais e a tocar os «intocáveis», a considerar como pessoas aqueles que, aos olhos de todos, eram punidos pela maldição e pelo castigo divino. A manter relações com quem estava condenado ao isolamento (cf. Mc 1,40-45; Mt 8,1-4; Lc 5,12-18). Com o louco de Gerasa, um homem, provavelmente, esquizofrénico, Jesus inicia uma paciente *escuta*, mantém com ele um *diálogo*, procura *encontrá-lo de um modo muito pessoal* (cf. Mc 5,1-20) transmitindo-lhe, assim, *confiança* e *autoestima*. Graças à *relação*, aquele que antes estava sempre inquieto, violento e furioso, autoinfligindo-se ferimentos, descuidado, nú, muda a tal ponto que, hoje, o vemos «sentado, vestido



e de mente sã» (Mc 5,15). A este homem Jesus oferece, também, sugestões para o futuro, um *projecto existencial*, restituindo-o a si próprio, ao seu ambiente familiar e social e dá-lhe uma tarefa a realizar: «Vai para casa, para os teus, anuncia-lhes aquilo que o Senhor te fez e a misericórdia que teve para contigo» (Mc 5,19). Estes elementos (escuta, diálogo, encontro pessoal, relação, projecto existencial, confiança, autoestima) são factores de resiliência e são suscitados pela humanidade de Jesus que, no encontro com as pessoas, sempre suscita a sua humanidade, a sua liberdade e a sua subjectividade.

Deve ficar claro que não se está a dizer que a Fé é, simplesmente, um fenómeno de resiliência. É, exactamente, o contrário: a Fé opera, também, uma ressurreição, no homem ferido, da consciência da capacidade humana, da possibilidade de vida e de futuro que, antes, pareciam inatingíveis. Zaqueu, marcado por um juízo social e religioso que o tornavam uma pessoa a evitar, é, por Jesus, *chamado pelo nome e valorizado*: Jesus mostra interesse pessoal por ele, ao ponto de querer ir a sua casa (cf. Lc 19,1-10). Quando Zaqueu tenta ver Jesus, Jesus mostra que é Ele que procura Zaqueu, que o conhece e o ama, que quer partilhar a sua companhia, e isto perturba Zaqueu, que se permite olhar para si de um modo diferente daquele que as convenções sociais aconselhavam, convenções que ele próprio já havia assumido. E isto vai provocar a transformação radical de Zaqueu, que encontrará, em si, a força para uma mudança de vida, uma conversão: da desonestidade à partilha e à generosidade com os pobres (cf. Lc 19,8). O olhar que Jesus lança aos sofredores, doentes, pecadores, é de tal maneira humano que desperta potencialidades escondidas, adormecidas, que o próprio interlocutor de Jesus desconhece.

Para uma relação Fé-resiliência é significativo, também, o exemplo de Paulo que, afectado por um misterioso «espinho na carne» (2Cor 12,7), uma provável doença que o atormentava com particular intensidade, reza intensamente para ser libertado dela (2Cor 12,8), sem o resultado esperado. Mesmo assim ora, que é a eloquência da Fé. Paulo encontra a capacidade de integrar o espinho na carne no seu caminho existencial e no seu ministério. Paulo interpreta-a como «fraqueza em Cristo» (cf. 2Cor 13,4) e, na adesão a Cristo crucificado, encontra força para

continuar o caminho. A afecção não lhe é retirada, mas integrada graças à Fé e à oração. Paulo faz da sua fraqueza um motivo de força, fundamentando-se nas palavras de Cristo: «Basta-te a Minha graça; na verdade, o Meu poder manifesta-se, plenamente, na fraqueza» (2Cor 12,9). Em Cristo isto é, na Fé em Cristo, Paulo pode dizer: «Quando sou fraco, então é que sou forte» (2Cor 12,10).

No plano da cura das doenças e no plano ético o «factor resiliência» parece-me muito importante porque requer um trabalho interior, antes de mais, ao operante sanitário, ao curador, à pessoa que se faz próxima do doente. Ele requer uma conversão: trata-se de «mudar o nosso olhar para com aqueles que se confiaram às nossas curas...; de alargar a nossa reflexão e a acção ao ambiente social e material em que vivem, ao seu ciclo de vida, aos seus modos de vida, e isto de uma forma em que o respeito e a empatia devem conjugar-se com sérios conhecimentos sobre os recursos – demasiadas vezes desconhecidos – dos seres humanos que têm de enfrentar as duras provas da vida» (Michel Manciaux). De resto, todos nós sabemos como as diferentes doenças proporcionam possibilidades de aprendizagem, de habilitações várias, de vida e de relação. Não se trata de os tornar invulneráveis, mas de aprenderem a gerir a própria vulnerabilidade e a viver com a própria afecção.

O «factor resiliência», que também no âmbito espiritual poderia ter uma aplicação extremamente fecunda, convoca tanto a saúde como a ética.. Esta exige aos «profissionais de saúde» não andarem apenas à procura de sintomas de doença mas, também, das capacidades e factores positivos na pessoa afectada; além disso, requer que a sociedade abandone uma atitude assistencialista no que se refere ao doente ou ao ferido, atitude que enclausura este último no seu sentimento de impotência e incapacidade. A saúde surge, assim, como uma procura em comum do cuidador e do doente, um momento relacional e, portanto, um factor de verdadeira humanização.